

# PRODUÇÃO AGRÍCOLA E AGROINDÚSTRIA NAS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS DE MARÍLIA E VALE DO PARANAPANEMA, ESTADO DE SÃO PAULO<sup>1</sup>

Afonso Negri Neto<sup>2</sup>  
Paulo José Coelho<sup>3</sup>  
Irene Roque de Oliveira Moreira<sup>4</sup>

## RESUMO

Faz-se um breve histórico da ocupação territorial das Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília e Vale do Paranapanema, mencionando-se as características dos solos, as vias de penetração e a interligação com outras regiões. Apresentam-se e discutem-se algumas informações relacionadas à população total, à população economicamente ativa e ao emprego rural no Estado de São Paulo nas duas regiões. Para algumas análises, os dados disponíveis referem-se à Região Administrativa e não à Divisão Regional Agrícola, porém, no âmbito deste trabalho isto não distorce as comparações. São destacadas as mudanças na composição da área cultivada no Estado e nas Delegacias Agrícolas, entre 1970-72 e 1987-89. Apresenta-se, para as principais explorações e para o ano agrícola 1991/92, a distribuição percentual da área e da produção das culturas, em nível de Delegacia Agrícola, e a produtividade média nas Delegacias Agrícolas e DIRAs. Os dados utilizados são provenientes dos levantamentos de previsão de safra do Instituto de Economia Agrícola e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Discorre-se sobre a conceituação teórica de agroindústria, expondo os enfoques de complexo agroindustrial e de sistema agroalimentar. Analisa-se a evolução da agroindústria paulista em período recente e procura-se verificar a regionalização das principais atividades agroindustriais. A partir de informações obtidas do Cadastro Geral de Contribuintes do Ministério da Fazenda de 1978 e do Cadastro de Empresas da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental de 1989 faz-se uma classificação das atividades agroindustriais. Essa análise é aprofundada em nível de Delegacia Agrícola. Avalia-se o potencial de expansão da produção de grãos específicos nas DIRAs de Marília e Vale do Paranapanema, matérias-primas para uma série de atividades agroindustriais.

**Palavras-chaves:** planejamento regional, agroindústria, desenvolvimento regional.

## AGRICULTURAL PRODUCTION AND AGRICULTURAL PROCESSING INDUSTRIES IN THE AGRICULTURAL REGIONS OF MARILIA AND VALE DO PARANAPANEMA, SAO PAULO STATE

### SUMMARY

This study begins with a short historical description of the territorial occupation of Marília and Vale do Paranapanema Agricultural Regions (DIRAs), also it points out the topography, the soil characteristics, active economical population and rural employment aspects, then it analyses the changes in the cultivated area between 1970/72 and 1987/89. For the crop year of 1991/92, it is presented the percentual distribution of area and production for the main agricultural activities by using data from the Instituto de Economia Agrícola and Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. The processing industries evolution of São Paulo State is analysed for its main activities and these regions were classified using records from Ministério da Fazenda (1978) and Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (1989). Additional information about potential expansion of grain production is also discussed.

**Key-words:** regional planning, agricultural processing industries, regional development.

## 1 - INTRODUÇÃO

A atuação do Poder Público do Estado de São Paulo mostra-se necessária nas avaliações dos recursos de produção disponíveis, das possibilidades oferecidas pelas infra-estruturas existentes, das necessidades regionais e de seus problemas típicos, subsidiando os agentes econômicos para a tomada de decisões estratégicas que atenuem os desequilíbrios regionais.

Em uma primeira etapa do planejamento regional, a análise do estágio de desenvolvimento em que se encontram submetidas as variáveis sócio-econômicas no que diz respeito à sua distribuição espacial e à forma de cada uma delas participar na geração de renda interna dos setores primários, secundários e terciários precisa ser evidenciada.

Assim, os trabalhos de pesquisas que propiciam uma retrospectiva das estruturas produtivas favorecem a ação conjunta do poder público e da iniciativa privada que exerce papel preponderante no desenvolvimento agrícola.

O modelo de desenvolvimento que visava a diversificação da pauta de exportação agrícola iniciou-se com a criação de incentivos à exportação de cereais (milho e soja, principalmente), cítricos, fibras vegetais, farelos e tortas de soja e algodão que tivessem políticas oficiais, preço mínimo, financiamento à produção, incentivos à pesquisa agrônômica e criação de condições favoráveis à redução de custos de produção, o que resultou, em última instância, em preços competitivos no mercado internacional.

A agroindústria tem sido enfatizada em diversos programas propostos para fortalecer a agricultura brasileira como instrumento gerador de desenvolvimento, notadamente no que diz respeito a estímulos ao emprego de fatores de produção de largo uso na transformação dos produtos agrícolas. Sua importância é ressaltada na dinamização de regiões menos desenvolvidas, na complementação de processos de urbanização e na atenuação de desequilíbrios regionais.

### 1.1 - Objetivo

Esta pesquisa teve como objetivo geral

sistematizar as informações relacionadas à produção agrícola e agroindustrial, além de propor identificar o potencial agrícola das Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília e Vale do Paranapanema para o fornecimento de matéria-prima agroindustrial. Objetivava-se, também, um levantamento do potencial agroindustrial existente nessas DIRAs.

Espera-se que os resultados possam ser úteis ao setor governamental, para orientação de pesquisas mais específicas de políticas municipais e regionais de industrialização, criação de empregos e fixação de mão-de-obra, investimento em infra-estrutura e aumento da receita tributária.

Também o setor agroindustrial privado poderá vir a utilizar os resultados deste estudo, dadas as indicações de disponibilidade de matérias-primas agroindustriais, infra-estrutura e tipos de agroindústria já existentes. Os produtores agrícolas poderão dispor de informações sobre possibilidades qualitativas de colocação de seus produtos, orientando decisões de produção.

### 1.2 - Metodologia

No Estado de São Paulo, em 1983, houve remanejamento dos municípios para a composição das dez DIRAs. As sub-regiões passaram a ser denominadas Delegacias Agrícolas e a DIRA de São Paulo foi chamada de Litoral Paulista. Em 1987, em mais um remanejamento para a composição das DIRAs, houve também alteração no nome da DIRA do Vale do Paraíba para DIRA de São José dos Campos e no da DIRA do Litoral Paulista para DIRA de Registro; essas e outras alterações ocorridas desde 1940 podem ser encontradas em CAMARGO FILHO et alii (1990).

Com relação à área geográfica escolhida, faz-se necessário diferenciar DIRA de Marília(g) que representava a classificação antiga das DIRAs que englobava 51 municípios, e a DIRA de Marília(p) que totaliza 25 municípios após a criação da DIRA do Vale do Paranapanema com 26 municípios, pois alguns dados históricos só foram possíveis de ser coletados através da classificação antiga da DIRA (Figura 1).

A análise descritiva das características do setor agrícola será feita considerando-se as Divisões



FIGURA 1 - Divisões Regionais Agrícolas de Marília e Vale do Paranapanema, Estado de São Paulo.

Fonte: NEGRI NETO; COELHO; MOREIRA (1993).

Regionais Agrícolas e suas Delegacias, a partir do levantamento de dados referentes à área e à produção agrícola obtidos dos levantamentos de Previsões e Estimativas das Safras Agrícolas realizados conjuntamente pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) e pela Coordenadoria de Assistência Técnica e Integral (CATI), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

A análise descritiva da caracterização das agroindústrias existentes será feita com base no Cadastro Geral do Contribuinte (CGC) do Ministério da Fazenda para o ano de 1978 e no Cadastro da Empresa da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB) para 1989, e a compatibilização dessas duas fontes será feita a partir da classificação industrial da FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (1988) e, posteriormente, reagrupada por DIRA e Delegacia Agrícola do Estado de São Paulo.

Compatibilizações das duas fontes de informações foram necessárias na medida em que a classificação utilizada pelo Ministério da Fazenda no cadastro de 1978 referia-se a níveis de agregação (quatro dígitos) diferentes dos utilizados pela CETESB. Essa última utiliza a classificação de atividades e produtos industriais elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que codifica as atividades em nível de seis dígitos, ou seja, o agrupamento dos estabelecimentos é feito em nível menor de agregação.

A compatibilização das duas fontes de informação foi feita a partir de estudo específico da FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (1988).

As atividades constatadas nas duas fontes são:

19 - INDÚSTRIA DE COUROS E PELES E PRODUTOS SIMILARES

19.10 - Curtimentos e Outras Preparações de Couros e Peles.

19.11 - Secagem e Salga de Couros e Peles.

20 - INDÚSTRIA QUÍMICA

20.50 - Fabricação de Concentrados Aromáticos Naturais, Artificiais e Sintéticos.

26 - INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES

26.01 - Beneficiamento de Café, Cereais e Produtos Afins.

26.03 - Torrefação e Moagem de Café.

26.05 - Fabricação de Produtos de Milho, Exclusive óleo.

26.06 - Fabricação de Produtos de Mandioca.

26.07 - Fabricação de Farinhas Diversas.

26.09 - Beneficiamento, Moagem, Torrefação e Fabricação de Produtos Alimentares Diversos de Origem Vegetal, não Especificados ou não Classificados.

26.10 - Refeições Conservadas, Conservas de Frutas, Legumes e Outros Vegetais, Preparação de Especiarias e Fabricação de Doces - Exclusive de Confeitaria.

26.20 - Abate de Animais.

26.21 - Preparação de Conservas de Carne, Inclusive Subprodutos Processados em Matadouros e Frigoríficos.

26.22 - Preparação de Conservas de Carne e Produtos de Salsicharia, não Processada em Matadouros e Frigoríficos.

26.40 - Preparação do Leite e Fabricação de Produtos de Laticínios.

26.51 - Fabricação de Açúcar.

26.60 - Fabricação de Balas, Caramelos, Pastilhas, Dropes, Bombons e Chocolates, etc., Inclusive Goma de Mascar.

26.70 - Fabricação de Produtos de Padaria, Confeitaria e Pastelarias.

26.80 - Fabricação de Massas Alimentícias e Biscoitos.

26.91 - Refinação e Preparação de Óleos e Gorduras Vegetais, Produção de Manteiga de Cacau e de Gorduras de Origem Animal Destinadas à Alimentação.

26.92 - Fabricação de Sorvetes, Bolos e Tortas Geladas, Inclusive Cobertura.

26.98 - Fabricação de Rações Balanceadas e de Alimentos Preparados para Animais - Inclusive Farinhas de Carne, Sangue, Osso e Peixe.

26.99 - Fabricação de Outros Produtos Alimentares Não Especificados ou Não Cadastrados.

27 - INDÚSTRIA DE BEBIDAS

27.10 - Fabricação de Vinhos.

27.20 - Fabricação de Aguardentes, Licores e Outras Bebidas Alcoólicas.

27.30 - Fabricação de Cervejas, Chopes e Malte.

27.41 - Fabricação de Bebidas não Alcoólicas.

27.50 - Destilação de Álcool.

## 2 - CONCEITOS DE AGROINDÚSTRIA<sup>5</sup>

Wassily Leontief, em 1929, foi quem primeiro identificou a interdependência dos diversos setores da economia americana a partir da matriz Insumo/Produto, influenciando estudos posteriores, inclusive o estudo pioneiro de DAVIS & GOLDBERG (1957) sobre o *agribusiness*.

Esses autores definiram *agribusiness* como "a soma total de todas as operações que envolvem a produção e a distribuição dos insumos para a unidade produtiva agrícola; a produção agrícola em si; e o armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e dos seus subprodutos". Este conceito, formulado nos EUA na década de 50, considerava que os problemas relacionados com a agricultura deveriam ser analisados sob o enfoque de *agribusiness*, visto que havia crescido a inter-relação da agricultura com os outros setores da atividade econômica e um novo enfoque metodológico deveria ser dado nos estudos sobre o chamado, até então, complexo rural.

No Brasil, diante do processo de modernização e industrialização da agricultura<sup>6</sup>, os trabalhos de pesquisa têm buscado interpretar como a agricultura se relaciona com outros setores através de fluxos de compra e venda, os quais passam a direcionar a utilização de inovações tecnológicas.

O padrão de modernização no campo começa a depender não só da inovação induzida pelos preços relativos do mercado de fatores de produção (CONTADOR, 1975), como também dessas inovações tecnológicas, que determinam as posições dos diferentes segmentos produtivos na estrutura econômica do País. A partir das diferentes visões sobre o inter-relacionamento entre esses segmentos, pode-se identificar duas correntes na vasta literatura que trata a agricultura sob uma perspectiva intersetorial: a do Complexo Agroindustrial (CAI) e a do Sistema Agroalimentar<sup>7</sup>.

### 2.1 - O Complexo Agroindustrial

A primeira corrente parte do conceito abran-

gente de complexo agroindustrial. MULLER (1981 e 1982), SORJ (1980) e RAMALHO coord. (1988) são autores que consideram o complexo agroindustrial como o conjunto dos setores produtores de insumos e máquinas para o setor agrícola, o setor agrícola propriamente dito, e os setores de transformação industrial, de distribuição, comercialização e financiamento, como os setores formadores das diversas fases do circuito agroindustrial. Essa delimitação do ponto de vista de compra e venda entre os setores e a homogeneidade da base técnica<sup>8</sup> definem o encadeamento dos setores.

Além disso, o caráter histórico do CAI confere à agricultura uma dinâmica sujeita à lógica do capital industrial e financeiro e uma crescente oligopolização dos setores industriais à montante e à jusante da agricultura.

As implicações metodológicas dessa abrangência conceitual, de certa forma, são repensadas por KAGEYAMA et alii (1987), sob certos aspectos, e por LIFSCHITZ & PROCHNIK (1990), que rediscutem a delimitação do complexo agroindustrial.

Os primeiros autores, baseados na análise do comportamento e evolução recente dos principais setores do CAI, explicitam que a intensificação das relações industriais o caracteriza como estando sob o domínio do capital industrial e financeiro e cuja integração<sup>9</sup> de capital seria a característica redefinidora das relações entre os setores do CAI. Cada complexo teria sua própria dinâmica e cada um reivindica políticas específicas ao Estado, acabando por estabelecer núcleos de poder econômico e político. Os autores enfatizam a necessidade de identificação de CAIs e segmentos específicos para estudar uma realidade heterogênea.

### 2.2 - O Sistema Agroalimentar

Já a metodologia desenvolvida no IEI/UFRJ, por HAGUENAUER et alii (1988), considera que os setores de um complexo são, uns dos outros, seus principais fornecedores e clientes. Por essa razão, cada complexo toma a forma de um conjunto de cadeias produtivas relativamente independente dos demais conjuntos.

A partir da noção de cadeias produtivas, é

possível identificar estruturas menores, os microcomplexos, dentro dos complexos maiores. Assim, "... o Complexo Agroindustrial está conformado pelas atividades agropecuárias e pelas indústrias que utilizam e transformam essas matérias-primas. O complexo se estrutura em torno de cadeias produtivas que articulam sua base, o setor agropecuário, com os diversos setores que processam a matéria-prima, até a fase do produto final", LIFSCHITZ & PROCHNIK (1990). Portanto, dentro desse enfoque, os setores de fertilizantes/defensivos e máquinas/implementos para a agricultura não fariam parte do complexo agroindustrial; estariam integrados ao complexo metal-mecânico, no caso de máquinas e implementos, e ao complexo químico, no caso de fertilizantes e defensivos.

Tal visão ainda busca associar a análise da dinâmica dos complexos a um modelo teórico das diferentes fases de uma trajetória tecnológica: formação, maturidade, declínio e, eventualmente, rejuvenescimento de um complexo (LIFSCHITZ & PROCHNIK, 1990). Essas fases estariam sujeitas à lógica das inovações tecnológicas, cujos impactos e difusão transformam os complexos, tanto internamente como entre eles. Esse é um ponto importante desse esboço metodológico, pois os autores consideram que os coeficientes técnicos da matriz de relações interindustriais são indicadores da influência recíproca entre o progresso técnico e a estrutura industrial. Suas alterações são reflexos das mudanças ocorridas nessas relações e, portanto, podem se modificar ao longo do tempo.

A conceituação de sistema agroalimentar possui várias óticas. MALASSIS (1979), citado por LEITE (1990), no final da década de 60, o delimitou como sendo formado pelo setor agrícola propriamente dito e as indústrias agrícolas e alimentares; mais tarde, incorporou a comercialização ao seu conceito. Seu entendimento de sistema agroalimentar é de que o complexo agroindustrial, essencialmente, se configura como um complexo alimentar.

FARINA (1988) também considera o "sistema agroindustrial de alimentos" como a cadeia de produção de culturas alimentares, transformação industrial e distribuição. Usando como instrumental de análise os estudos de organização industrial, enfatiza a importância do progresso técnico, visto como uma

dimensão do desempenho da firma, e das estratégias de mercado das indústrias de alimentos, que passam a definir a dinâmica do setor agroindustrial. Tanto Malassis como Farina avaliam que o mercado consumidor é determinante no desenvolvimento das indústrias de alimentos e que essas imprimem a dinâmica ao setor agroindustrial.

FARINA (1992) utiliza o termo Sistema Agroindustrial de Alimentos representando a forma pela qual são atendidas as necessidades alimentares da população nacional ou mundial. Seu desempenho pode ser avaliado a partir da qualidade deste atendimento.

A mesma autora enfatiza que embora a proposta de uma análise sistêmica para tratar os negócios agroindustriais tenha um forte apelo teórico, na prática é muito difícil modelá-lo. Em parte, esta dificuldade pode ser atribuída aos permanentes e naturais conflitos entre seus vários segmentos. Em suas relações comerciais, os interesses revelam-se, na maioria das vezes, antagônicos, suscitando disputas acirradas entre os segmentos. Entretanto, a interdependência estabelecida dentro do sistema abre espaços para que interesses comuns se desenvolvam.

Uma variante desse enfoque foi dada por LAUSCHNER (1980) que enfatiza a importância da agroindústria mas, no entanto, não separa a indústria de alimentos da agroindústria em geral. Conceitua agroindústria como promotora de transformação econômica e geradora de emprego, renda e desenvolvimento. Conclui que o segmento de transformação e processamento agropecuário é capaz de incrementar mais rapidamente o valor do produto agrícola. Portanto, nesta perspectiva, a agroindústria é o núcleo dinamizador, a principal unidade dentro do complexo agroindustrial ou do sistema agroalimentar.

Nos trabalhos de Lauschner, a unidade de análise é a agroindústria por considerá-la mais próxima do produtor rural e com reais possibilidades de provocar um aumento da produção e da produtividade. O autor define que "...a agroindústria é a unidade produtiva que, por um lado, transforma, para utilização intermediária ou final, o produto agropecuário ou seus subprodutos não manufaturados; e que, por outro lado, adquire diretamente do produtor rural um mínimo de 25% do valor total dos insumos utilizados" (LAUSCHNER, 1980).

Tais definições abrangeriam como agroindús-

tria não somente os segmentos da indústria de alimentos como toda indústria que utilize como matéria-prima de origem agropecuária o mínimo fixado em 25% do custo total dos insumos industriais.

Aquele autor considera, ainda, que a implantação de agroindústrias é um incentivo importante para a dinamização e modernização dos pólos regionais de desenvolvimento econômico.

### 2.3 - Importância da Agroindústria Paulista e Evolução por Ramo de Atividade

A modernização da agroindústria paulista é visível desde a década de 60 e está associada a um conjunto de fatores, dos quais destaca-se o acesso às políticas de crédito e de incentivos às exportações, além da intensificação do uso de máquinas, equipamentos e insumos químicos. Desde então é possível perceber que a produção da maior parte dos alimentos passou a envolver algum tipo de beneficiamento ou transformação, caracterizando um novo tipo de atividade que se denomina agroindústria, conceito que ainda é objeto de discussão por diversos autores.

Por exemplo, a FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (1989) conceitua agroindústria como toda atividade que proceda ao beneficiamento e/ou processamento de matérias-primas agropecuárias e florestais procurando, na medida do possível, captar as atividades que envolvem apenas as primeiras transformações destes produtos, destacando-se de suas posteriores retransformações, mesmo quando as atividades industriais que compõem a agroindústria apresentam-se integradas num mesmo estabelecimento. Alerta, no entanto, para as dificuldades estatísticas encontradas no sentido

de desmembrar as informações censitárias segundo o conceito utilizado, o que implica em algum grau de arbitrariedade no corte das informações.

#### 2.3.1 - Evolução da agroindústria paulista entre 1970 e 1980

Conforme a FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (1989), em 1970, a agroindústria paulista gerava 140,0 mil empregos mensais, que representavam cerca de 11% do pessoal ocupado pela indústria de transformação, respondendo por 21,4% do valor da produção. Após uma década, passou a ser responsável por 187,8 mil empregos mensais, representando 8,2% do pessoal ocupado e 16,6% do valor da produção da indústria paulista (Tabela 1). Essa queda da participação percentual deve-se ao enorme crescimento apresentado pelos segmentos produtores de bens de consumo durável e de bens de capital, que ampliaram seus pesos relativos na estrutura paulista.

Pode-se analisar, separadamente, a evolução dos gêneros (matérias-primas, alimentos e bebidas) e subgêneros da agroindústria paulista, durante o período 1970-1980. No caso de pessoal ocupado em processamento de alimentos ocorreu uma variação de 60,49% para 63,83% na participação no total da agroindústria, com aumento dos percentuais em todos os subgêneros contemplados, exceto laticínios, fabricação e refinamento de açúcar da cana (Tabela 2).

No caso de bebidas, ocorreu uma variação de 12,24% para 8,97% do pessoal ocupado, com diminuição dos percentuais em todos os subgêneros contemplados (exceto outras bebidas alcoólicas).

TABELA 1 - Participação do Pessoal Ocupado e do Valor da Produção da Agroindústria Paulista na Indústria de Transformação, Estado de São Paulo, 1970, 1975 e 1980

Item	(em %)		
	1970	1975	1980
Pessoal ocupado	10,9	8,4	8,2
Valor da produção	21,4	16,6	16,6

Fonte: FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (1989).

TABELA 2 - Participação Percentual do Pessoal Ocupado e do Valor da Produção na Agroindústria, por Gênero e Subgênero, Estado de São Paulo, 1970 e 1980

Gênero e subgênero	Pessoal ocupado		Valor da produção	
	1970	1980	1970	1980
Matérias-primas	27,28	27,20	23,71	27,09
Madeira	4,29	6,21	1,95	2,98
Celulose	1,14	1,28	0,87	1,73
Papel	12,23	10,14	7,57	8,54
Beneficiamento de borracha	0,00	1,29	0,00	3,40
Secagem/salga/curtimento couro	3,04	2,77	1,32	1,23
Fabricação óleos vegetais	3,69	2,51	6,11	6,29
Benf. mat. têxtil	2,89	3,00	5,88	2,91
Alimentos	60,49	63,83	69,88	68,15
Benef./moag./torref. café- cereais	9,56	11,40	15,24	10,96
Conserva/especiaria e condimentos	5,88	11,28	4,17	8,37
Conservas de pescado	0,78	0,95	0,26	0,21
Abate animais/conservação carnes	13,93	15,64	15,73	14,93
Laticínios	5,35	3,19	8,33	6,51
Fabricação/refino de açúcar	12,27	5,74	11,48	11,47
Massas e biscoitos	6,38	7,91	3,53	3,13
Outras indústrias alimentares	6,33	7,72	11,13	12,57
Bebidas	12,24	8,97	6,41	4,75
Cervejas	4,17	1,80	1,97	1,35
Vinhos	1,04	1,00	0,70	0,51
Aguardentes	2,28	2,13	1,18	1,27
Outras bebidas alcoólicas	0,25	0,36	0,06	0,23
Bebidas não alcoólicas	4,49	3,68	2,50	1,39
Total da agroindústria <sup>1</sup>	100,00	100,00	100,00	100,00

<sup>1</sup>Excluíram-se os dados de álcool.

Fonte: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (1988) e FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (1989).



Nas matérias-primas, a proporção do pessoal ocupado manteve-se em torno de 27,20%, com aumentos nos percentuais de alguns subgêneros e queda em outros.

Os gêneros de alimentos e matérias-primas absorveram de 87,77% a 91,03% do pessoal ocupado.

De maneira geral, os percentuais dos gêneros e subgêneros do valor da produção acompanham os percentuais do pessoal ocupado, porém, os alimentos e matérias-primas foram responsáveis por participação de 93,59% a 95,24% do total do valor da produção.

De 1970 a 1980, apenas os subgêneros de fabricação de óleos vegetais, laticínios, fabricação e refino de açúcar e cervejas não geraram empregos. Aproximadamente 94,0% dos empregos gerados foram pelos subgêneros: madeira; beneficiamento, moagem e torrefação de café e cereais; conservas, especiarias e condimentos; abate de animais e conservas de carnes; massas e biscoitos e outras indústrias alimentares (FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS, 1989).

### 2.3.2 - A regionalização das principais agroindústrias em São Paulo

A partir do mapeamento produzido pela FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (1989) em estudo sobre as características gerais do processo de industrialização paulista, é possível analisar a distribuição, por Regiões Administrativas (RA), das principais atividades agroindustriais.

A participação da Região Administrativa de Marília(g) no valor da transformação industrial estadual (VTI), por gênero de indústria, entre 1970 e 1980, tem sido pequena com percentuais abaixo de 2,00% nos gêneros de indústrias química e têxtil e com percentuais que variavam entre 3,00% e 6,00% nos casos das indústrias de produtos alimentares e bebidas (ALMEIDA, 1988).

Na produção de açúcar da safra de 1985/ 86, as RAs de Campinas, Ribeirão Preto e Bauru respondiam por 83,8% e a de Marília por 7,10%; na produção de álcool, as RAs de Campinas, de Ribeirão Preto e Bauru seriam responsáveis por 75,0% e a RA de Marília por 7,7% (FUNDAÇÃO SISTEMA

ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS, 1989).

A produção de suco cítrico concentrou-se nas RAs de Ribeirão Preto (69,32%) e Campinas (24,58%), sendo que cerca de 81% da capacidade instalada da indústria de suco cítrico se concentrava em cinco municípios: Bebedouro (20,0%), Limeira (19,0%), Matão (18,0%), Colina (13,0%) e Araraquara (11,0%) (FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS, 1989).

Na safra de 1983/84 a moagem de oleaginosas foi a atividade que se apresentou bastante dispersa pelo Estado, no total de 41 unidades com 27 delas de porte pequeno e médio e 14 de grande porte. A RA de Marília(g) era a quarta em número com 5 plantas, precedida pelas RAs de São Paulo (10 plantas), Ribeirão Preto e Presidente Prudente (9 plantas). Dentre as diversas oleaginosas, as unidades mais modernas processam principalmente soja, mas podem ser utilizadas para outros produtos. As pequenas unidades processam algodão, amendoim e mamona (FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS, 1989).

As fábricas de conservas de carnes, em 1985, somavam 116 unidades, das quais 66,38% tinham capacidade de até 10 t/dia, 15,06% entre 10 e 20 t/dia e 12,06% acima de 20 t/dia. O maior número estava nas RAs de São Paulo (60), seguido por Campinas (21) e Ribeirão Preto (11). Na RA de Marília havia uma unidade de até 10 t/dia (FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS, 1989).

Os matadouros de bovinos, em 1985, somavam 44 unidades, das quais 81,81% tinham capacidade acima de 40 cabeças/hora; e a RA de Marília tinha 3 unidades com capacidade acima de 40 cabeças/hora. Os matadouros de suínos, em 1985, somavam 22 unidades. Das cinco grandes unidades com uma capacidade de abate de 400 a 800 cabeças por dia, três se encontravam na região da Grande São Paulo. A RA de Marília sediava apenas uma unidade com capacidade de abate de 200 a 400 cabeças por dia. Os abatedouros de aves, em 1985, somavam 51 unidades, das quais 78,43% tinham uma capacidade de até 3.000 cabeças/hora. As RAs de Campinas e Ribeirão Preto representavam 66,66% da capacidade (FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS, 1989).

### 3 - HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO E CONDICIONANTES FÍSICOS E DE INFRA-ESTRUTURA DAS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS (DIRAs) DE MARÍLIA(p) E VALE DO PARANAPANEMA<sup>10</sup>

A Divisão Regional Agrícola (DIRA) de Marília(p) localiza-se na parte centro-ocidental do Estado entre os Meridianos de 49°13'a 51°, a oeste de Greenwich e os Paralelos 21°40' a 23°33' de Latitude Sul. São seus limítrofes as regiões de Presidente Prudente a oeste, de Araçatuba a norte, de Bauru a nordeste, de Sorocaba a sudeste. Ao sul confronta-se com o Estado do Paraná.

Faz parte do Planalto Ocidental, domínio das formas tabulares, debruçando-se em seu extremo sudeste sobre uma área rebaixada, a Depressão Periférica, através de um acidente de relevo formado pela Serra da Fartura, a qual faz parte de um alinhamento de serras, com escarpa voltada para leste, as "cuestas", interrompido pela passagem dos rios Paranapanema e Itararé.

Geologicamente, a região constitui o domínio dos arenitos, depósitos mesozóicos, assentados sobre sedimentos paleozóicos, mais antigos, intercalados por derrames basálticos (lavas basálticas do Triássico).

O pacote dos arenitos triássicos, os mais antigos (arenito 3 "Botucatu"), juntamente às camadas basálticas, afloram do fundo dos vales principais, onde a desigualdade dos derrames justifica os saltos e as corredeiras. Sobrepostos a estes estão os depósitos mais recentes, os arenitos cretáceos (grupo "Bauru"), encimando os externos interflúvios. Estas camadas formam um conjunto estrutural com um mergulho em sentido ao rio Paraná.

Estendendo-se em um arco desde Marília, passando por Garça e indo até Echaporã, encontram-se espessos depósitos de arenitos "Bauru" cimentados com calcário dando altas plataformas de bordas fortemente dessecadas.

Quanto à amplitude topográfica, a região enquadra-se na faixa hipsométrica de 300 a 950 metros de altitude, dominando o intervalo dos 400 a 500m, representado pelos topos tabulares do interflúvio e seus flancos. A sudeste destaca-se o alto da Serra da Fartura atingindo mais de 900 metros. No trecho

Marília - Garça - Echaporã salienta-se um planalto com 600 a 700m de altitude.

A variedade dos arenitos imprime comportamento diferente face à erosão. Quando argiloso dá vertentes convexas e suaves. Quando o arenito é cimentado por calcário dá pequenas escarpas, as quais destacam-se das demais formas topográficas básicas. Estas, na área de Marília, salientam-se caindo abruptamente sobre o vale do Rio do Peixe que, devido a seu encaixamento, apresenta bordas e altos paredões profundamente entalhados. A região não apresenta empecilhos à motomecanização, às técnicas conservacionistas e nem para traçados rodoviários. A rede de drenagem principal é formada por três rios paralelos: Aguapeí, do Peixe e Paranapanema, com seus cursos voltados para o Rio Paraná.

Os rios elaboraram vários tipos de vales, desde os mais largos, formando planícies de inundação, até os mais estreitos, em *canyons*, além de colocarem à mostra as camadas basálticas, de maior resistência ao entalhamento, que deram origem a uma série de "rápidas" e mesmo "quedas" que dificultam a navegabilidade.

As eclusas contornam esse tipo de problema. Em contrapartida, justifica-se a facilidade para a construção de hidrelétricas, não só pelos desníveis de quedas ou corredeiras, como também devido ao leito rochoso propício às fundações de barragem.

De acordo com o clima e a distribuição dos solos, tem-se a cobertura vegetal caracterizada por uma cobertura original de formações florestais, porém com "encraves" de cerradões, cerrados e campos. As primeiras ligam-se aos solos mais férteis e os segundos aos de fertilidade restrita.

A região participou de uma devastação desenfreada de suas florestas, que desde a segunda metade do século XIX tomou conta do Estado, porquanto o avanço cafeeiro se fazia à procura de solos novos.

A ocupação da região ocorreu através da cultura cafeeira que assumiu papel preponderante na organização do espaço regional. É perceptível tal fato, na medida em que o avanço da cafeicultura é seguido pelo sistema viário, caracteristicamente ferroviário, vindo assim tornar viável a expansão da fronteira agrícola.

As linhas de penetração do sistema ferro-

viário atingiram a área onde se localiza atualmente o município de Ourinhos, por volta de 1908, com a Estrada de Ferro Sorocabana. A partir desta época estenderam-se as linhas em direção ao rio Paraná, seguindo os espigões do interflúvio dos rios Parapanema e do Peixe.

Posteriormente, seguiram-se os trilhos da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, cortando a porção norte da região e localizando-se no espigão do interflúvio do Aguapeí e do Peixe.

Conseqüentemente, as frentes pioneiras somente atingiram Tupã e redondezas por volta de 1940. Este sistema ferroviário se por um lado permitia o escoamento da produção em direção a Santos, por outro, se prestou para o deslocamento populacional para a região de Marília.

A implantação da lavoura de café e a alocação da população exigiam a produção de alimentos, o que abriu perspectivas para as áreas produtoras desses alimentos. Principalmente, quando se associam certas vantagens para que os colonos pudessem produzir alimentos de subsistência, paralelamente ao cultivo das culturas principais.

O período de 1960/70 caracterizou-se por uma intensa diversificação na base agrícola, devido à erradicação do café. Essa diversificação se deu em favor das oleaginosas (amendoim, girassol, mamona e soja), cereais (arroz, feijão, milho e trigo), algodão e cana para indústria que vieram a concorrer com relativas vantagens, pela disponibilidade de terras férteis e de baixo preço, com outros Estados.

### **3.1 - Aspectos Demográficos e Empregatícios nas Regiões de Marília e do Vale do Parapanema<sup>11</sup>**

A população total do Estado de São Paulo em 1970 era de pouco menos de 18 milhões de habitantes, evoluindo para aproximadamente 25 milhões em 1980 e 31,5 milhões em 1991. Comparando-se o comportamento da região com o do Estado, verifica-se que a participação regional vem diminuindo acentuadamente, pois dos 7,42% do total que representava em 1940, passou para 2,79% em

1980 chegando a 2,50% em 1991 (Tabela 3).

Embora de 1940 a 1960 a população regional tenha crescido em termos absolutos, o crescimento da população estadual foi sensivelmente maior. A partir da década de 1930 a área conheceu um surto de colonização, através do avanço das frentes pioneiras, com a cultura do café. Nas décadas seguintes consolida-se essa ocupação, mas num ritmo mais lento, até atingir uma população total de 705.862 em 1960 para em seguida apresentar ritmo decrescente até 1980, porém passa a crescer novamente em 1991.

A proximidade das terras férteis do norte do Paraná e o avanço das frentes pioneiras, derrubando matas virgens mais para o oeste da área em questão, talvez pudesse explicar o comportamento da população nesta área. Ela agiu como grande eixo de penetração em direção a Araçatuba, Presidente Prudente e ao norte do Paraná, mas o reflexo desse papel, em termos de concentração de população, não se mostrou tão dinâmico como em outras regiões paulistas. Por outro lado, as taxas de crescimento da população após 1940 têm sido inferiores às taxas médias de crescimento vegetativo do Estado.

#### **3.1.1 - População economicamente ativa**

Em 1970, cerca de 6.373 mil habitantes do Estado de São Paulo, ou 35,0% da população total, eram classificados como economicamente ativos. No decorrer de uma década este percentual aumentou para 41,0% com o número crescendo para 10.236 mil (Tabela 4). O valor estimado para 1989 está ao redor de 14.811 mil pessoas (FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS, 1989).

O setor primário apresentou redução no decorrer do período variando de 1.302 mil para 1.175 mil, considerando o Estado como um todo.

O setor secundário, ao contrário, foi o que apresentou grande evolução, quase que dobrando, pois variou de 2.003 mil para 3.998 mil pessoas. O setor terciário manteve-se praticamente com a mesma participação percentual de cerca de 49,0%, porém em

TABELA 3 - População Total, Urbana e Rural, da Região Administrativa de Marília(g)<sup>1</sup>, Estado de São Paulo, 1940 e 1991

Ano	Urbana	Rural	Total	% do total no Estado de São Paulo
1940	131.553	436.090	567.643	7,42
1950	187.142	439.030	626.172	6,82
1960	286.061	419.801	705.862	5,43
1970	380.827	301.018	681.845	3,82
1980	501.823	197.286	699.109	2,79
1991	655.775	131.187	786.962	2,50

<sup>1</sup>Classificação antiga que englobava 51 municípios.

Fonte: Elaborada a partir de dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, citados por CANO (1989).

TABELA 4 - População Economicamente Ativa (PEA) por Setor, Região Administrativa de Marília(g)<sup>1</sup> e Estado de São Paulo, 1970 e 1980

Setor	Marília		Estado de São Paulo	
	1970	1980	1970	1980
Primário	120.046	100.250	1.301.830	1.175.022
Secundário	30.142	54.619	2.003.684	3.998.442
Terciário	83.437	119.537	3.067.328	5.062.547
Estado	233.595	274.426	6.372.942	10.236.011

<sup>1</sup>Classificação antiga que englobava 51 municípios.

Fonte: Elaborada a partir de dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, citados por CANO (1989).

números absolutos aumentou em quase 2.000 mil pessoas.

A Região Administrativa de Marília somava cerca de 233 mil pessoas economicamente ativas em 1970, sendo que o setor primário era o que mais absorvia mão-de-obra (120 mil), seguido do setor terciário (83 mil), ficando, por último, o setor secundário (30 mil).

Passada uma década, a Região somava 274 mil pessoas economicamente ativas, com crescimento nos setores secundário (quase dobrando) e terciário, enquanto que o setor primário diminuiu para 100 mil (Tabela 4).

### 3.1.2 - O emprego rural

A situação do emprego rural na DIRA de Marília(g) pode ser avaliada através dos dados do Instituto de Economia Agrícola (Tabela 5).

Em 1979, o setor rural paulista empregava 1.452.459 pessoas, número praticamente igual ao de 1989, de 1.485.369 pessoas. Em 1979, na DIRA de Marília(g), o emprego rural situava-se próximo a 130 mil pessoas, o que representava 8,9% do total do Estado. Os residentes na propriedade eram aqueles que predominavam, seguidos pelos volantes e pelo item outros.

Em 1989, observou-se redução tanto no número absoluto, como na participação percentual dos quase cem mil empregos rurais na DIRA de Marília(g).

## 4 - MUDANÇAS NA COMPOSIÇÃO DA ÁREA CULTIVADA NO ESTADO DE SÃO PAULO E NA DIVISÃO REGIONAL AGRÍCOLA (DIRA) DE MARÍLIA(g)<sup>12</sup>

As transformações na agricultura paulista após 1970 são decorrentes de um intenso processo de urbanização, da abertura da economia nacional para o mercado externo e da representação diferenciada do setor agrícola.

A diferenciação do desempenho entre as culturas na região é função de vários fatores, porém devem preponderar entre esses as vantagens relativas do

tipo de clima e solo e a adoção de políticas públicas que afetaram as características sócio-econômicas regionais.

Segundo GONÇALVES et alii (1990), a região de Marília(g), onde se localiza a importante zona produtora denominada Vale do Paranapanema, na qual predominavam solos férteis e clima subtropical, é uma das mais dinâmicas do Estado de São Paulo, à semelhança do seu vizinho de fronteira, o norte do Paraná. A área agrícola dessa DIRA representava cerca de 9,38% do Estado no triênio 1987/89.

Em 1970/72, as principais ocupações do solo agrícola regional foram: pastagens (57,10%), milho (9,56%), café (9,25%), amendoim (7,30%), feijão (3,18%) e arroz (3,04%) (Tabela 6).

Já em 1987/89 tinham-se pastagens (49,75%), cana para indústria (12,07%), soja (9,74%), trigo (8,64%), café (6,56%) e milho (6,42%) em ordem decrescente de importância na ocupação do solo regional. O crescimento da cana para indústria, da soja e do trigo deu-se em detrimento dos demais produtos que perderam expressão.

Segundo GONÇALVES et alii (1990) a participação da área cultivada da região de Marília(g) na estadual de inúmeras culturas é significativa. Em 1970/72, as principais contribuições foram as de trigo (84,14%), mandioca (33,25%), amendoim (23,41%), feijão (18,70%), café (18,25%), tangerina (13,53%), mamona (10,33%), milho (9,57%), soja (8,48%), arroz (8,37%), cana para forragem (7,94%), pastagem (7,47%) e tomate rasteiro (6,37%) (Tabela 7). No triênio 1987/89, as culturas da região mariliense, cujas áreas mais tiveram expressão no contexto estadual, foram: trigo (74,52%), mandioca (35,38%), amendoim (32,98%), soja (31,48%), café (14,57%), cana para forragem (10,42%), cana para indústria (9,91%), pastagens (8,45%), tangerinas (8,37%), milho (7,90%) e arroz (6,08%), colocando a região de Marília como grande produtora de grãos.

GONÇALVES et alii (1990) analisaram a variação total entre os triênios 1970/72 e 1987/89 e verificaram que os maiores aumentos de áreas cultivadas foram para: soja (1.996,93%), trigo (609,12%), cana para indústria (502,08%), cana para forragem (34,24%) e limão (25,13%). As maiores perdas de áreas ficaram para mamona (-96,54%), banana (-93,09%), cebola (-86,79%), tomate rasteiro (-84,45%), tomate envarado

TABELA 5 - Emprego Rural no Estado de São Paulo, por Categoria e Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, Abril de 1979 e Abril de 1989

DIRA	Abril de 1979			
	Residente	Volante	Outros	Total
Araçatuba	45.760	24.744	10.210	80.714
Presidente Prudente	97.836	18.889	17.689	134.414
São Paulo	76.196	997	6.571	83.764
Vale do Paraíba	33.713	578	9.915	44.206
Sorocaba	150.793	69.043	4.392	224.228
Campinas	112.354	84.049	41.221	237.624
Ribeirão Preto	89.544	105.632	44.385	239.561
Bauru	36.993	13.956	5.457	56.406
São José do Rio Preto	140.422	65.817	15.807	222.046
Marília(g) <sup>1</sup>	86.570	24.117	18.809	129.496
<b>Total</b>	<b>870.181</b>	<b>407.822</b>	<b>174.456</b>	<b>1.452.459</b>
DIRA	Abril de 1989			
	Residente	Volante	Outros	Total
Araçatuba	33.970	23.641	15.923	73.534
Presidente Prudente	65.277	53.670	27.356	146.303
São Paulo	21.317	-	20.087	41.404
Vale do Paraíba	63.285	9.204	28.969	101.458
Sorocaba	132.869	45.739	51.330	229.938
Campinas	137.608	66.672	62.489	266.769
Ribeirão Preto	77.878	87.377	42.748	208.003
Bauru	34.128	24.749	12.071	70.948
São José do Rio Preto	116.114	77.653	54.103	247.870
Marília(g) <sup>1</sup>	61.688	13.781	23.673	99.142
<b>Total</b>	<b>744.134</b>	<b>402.486</b>	<b>338.749</b>	<b>1.485.369</b>

<sup>1</sup>Classificação antiga que englobava 51 municípios.

Fonte: Elaborada a partir de dados não publicados do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

TABELA 6 - Participação da Área Cultivada de Cada Atividade na Área Total Agrícola da Divisão Regional Agrícola (DIRA) de Marília(g)<sup>1</sup> e na Área Total Agrícola do Estado de São Paulo, 1970-72 e 1987-89 (em porcentagem)

Atividade	Marília		Estado de São Paulo	
	1970-72	1987-89	1970-72	1987-89
Arroz	3,04	0,98	3,06	1,50
Feijão	3,18	0,92	1,44	2,30
Milho	9,56	6,42	8,44	7,62
Trigo	1,34	8,64	0,13	1,09
Amendoim	7,30	1,67	2,63	0,48
Mamona	0,39	0,01	0,32	0,07
Soja	0,51	9,74	0,51	2,90
Batata	0,06	0,02	0,20	0,15
Cebola	0,01	0,07	0,07	0,09
Tomate envarado	0,01	0,00	0,04	0,04
Banana	0,05	0,00	0,22	0,35
Uva comum	0,00	0,00	0,04	0,04
Uva fina	0,00	0,00	0,01	0,00
Uva indústria	0,00	0,00	0,00	0,00
Algodão	1,83	0,66	3,50	1,68
Tomate rasteiro	0,07	0,01	0,09	0,05
Cana forragem	0,36	0,44	0,38	0,40
Limão <sup>2</sup>	0,03	0,03	0,07	0,16
Laranja <sup>2</sup>	0,19	0,08	1,20	4,33
Tangerina <sup>2 e 3</sup>	0,17	0,12	0,11	0,13
Café <sup>2</sup>	9,25	6,56	4,28	4,22
Cana indústria	2,20	12,07	3,95	11,43
Mandioca	2,13	0,84	0,54	0,22
Pastagens	57,10	49,75	64,53	55,21
Chá	0,00	1,03	0,02	0,03
Reflorestamento	1,23	0,13	4,22	5,49
Área total	100,00	100,00	100,00	100,00

<sup>1</sup>Classificação antiga que englobava 51 municípios.

<sup>2</sup>Área plantada.

<sup>3</sup>Inclui poncã, tangerina e murcote.

Fonte: GONÇALVES et alii (1990).

TABELA 7 - Participação da Área Regional na Área Estadual de Atividades Agrícolas e Variação Percentual da Área Cultivada, Divisão Regional Agrícola (DIRA) de Marília(g)<sup>1</sup>, Estado de São Paulo, Médias 1970-72 e 1987-89 (em porcentagem)

Atividade	Marília(g)		Variação percentual
	1970-72	1987-89	
Arroz	8,37	6,08	-64,75
Feijão	18,70	3,76	-68,20
Milho	9,57	7,90	-26,33
Trigo	84,14	74,52	609,12
Amendoim	23,41	32,98	-74,82
Mamona	10,33	1,54	-96,54
Soja	8,48	31,48	1.996,93
Batata	2,53	1,03	-69,78
Cebola	1,02	0,10	-86,79
Tomate envarado	1,89	0,35	-80,72
Banana	1,84	0,08	-93,09
Uva comum	0,00	0,00	...
Uva fina	4,35	0,00	...
Uva indústria	0,00	0,00	...
Algodão	4,43	3,68	-60,58
Tomate rasteiro	6,37	1,73	-84,45
Cana forragem	7,94	10,42	35,24
Limão <sup>2</sup>	3,70	1,95	25,13
Laranja <sup>2</sup>	1,34	0,16	-56,65
Tangerina <sup>2 e 3</sup>	13,53	8,37	-25,58
Café <sup>2</sup>	18,25	14,57	-22,18
Cana indústria	4,70	9,91	502,08
Mandioca	33,25	35,38	-56,61
Pastagens	7,47	8,459	-4,42
Chá	0,00	0,00	...
Reflorestamento	2,46	1,75	-8,40
Área total	8,45	9,38	11,70

<sup>1</sup>Classificação antiga que englobava 51 municípios.

<sup>2</sup>Área plantada.

<sup>3</sup>Inclui poncã, tangerina e murcote.

Fonte: GONÇALVES et alii (1990).



(-80,72%), amendoim (-74,82%), batata (-69,28%), feijão (-68,20%), arroz (-64,25%), algodão (-60,58%), laranja (-56,65%), mandioca (-56,18%), milho (26,33%), tangerinas (-25,68%), café (-22,12%) e reflorestamento (-8,40%).

A região de Marília(g) apresentou a maior expansão da área agrícola total em termos estaduais, ficando 9,70% maior no final da década de 80 em relação ao início da de 70, face à incorporação de áreas de cerrado e campo para a área agrícola regional.

## **5 - PRODUTOS AGROPECUÁRIOS POR DIVISÃO REGIONAL AGRÍCOLA DE MARÍLIA (p) E DO VALE DO PARANAPANEMA E PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS PRINCIPAIS DELEGACIAS AGRÍCOLAS NA ÁREA E NA PRODUÇÃO, ESTADO DE SÃO PAULO, ANO AGRÍCOLA 1991/92**

Inicialmente, apresenta-se a composição político-administrativa das duas DIRAs e, em seguida, descrevem-se e comparam-se o rendimento médio, a produção e a área plantada dos principais produtos agropecuários, destacando-se a contribuição de algumas Delegacias Agrícolas, quando expressivas.

### **5.1 - A Divisão Administrativa em Delegacias Agrícolas das DIRAs de Marília(p) e Vale do Paranapanema**

A DIRA de Marília(p) compõe-se de 25 municípios agrupados em quatro Delegacias Agrícolas, com uma área total de 1.050.600 hectares.

A Delegacia Agrícola de Marília(p) ocupa 22,61% da área total da DIRA, com cinco municípios (Echaporã, Marília, Oriente, Oscar Bressane e Vera Cruz); a de Santa Cruz do Rio Pardo ocupa 31,03% da área total, com sete municípios (Bernardino de Campos, Espírito Santo do Turvo, Manduri, Óleo, Piraju, Santa Cruz do Rio Pardo e São Pedro do Turvo); a de Tupã ocupa 29,97% da área total, com sete municípios (Bastos, Herculândia, Iacri, Pompéia, Queiros, Quintana e Tupã); e a de Garça ocupa 16,39% da área total, com seis municípios (Álvaro de

Carvalho, Alvinlândia, Gália, Garça, Lupércio e Ocauçu) (Tabela 8).

O maior município da DIRA de Marília(p) é o de Marília com 119.400 hectares e o menor, o de Alvinlândia com 8.900 hectares.

A DIRA do Vale do Paranapanema compõe-se de 26 municípios, com uma área total de 846.500 hectares.

A Delegacia Agrícola de Cândido Mota ocupa 37,26% da área total, com oito municípios (Assis, Campos Novos Paulista, Cândido Mota, Florínea, Ibirarema, Palmital, Platina e Tarumã); a de Ourinhos ocupa 26,92% da área total, com onze municípios (Canitar, Chavantes, Fartura, Ipaçu, Ourinhos, Ribeirão do Sul, Salto Grande, Sarutaiá, Taguai, Tejupa e Timburi); e a de Paraguaçu Paulista ocupa 35,82% da área total, com sete municípios (Borá, Cruzália, Lutécia, Maracaí, Paraguaçu Paulista, Pedrinhas Paulista e Quatá) (Tabela 8).

O maior município da DIRA do Vale do Paranapanema é o de Paraguaçu Paulista com 104.300 hectares e o menor, o de Canitar com 5.700 hectares.

### **5.2 - Distribuição Percentual das Áreas e Produção das Culturas em Nível de Delegacias Agrícolas e Produtividade Média nas Delegacias Agrícolas e Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs)<sup>13</sup>**

Esta parte do trabalho se preocupa com a distribuição percentual das áreas e produção das culturas anuais e semiperenes, culturas florestais, culturas perenes, pecuária e olericultura.

#### **5.2.1 - Culturas anuais e semiperenes**

##### **- Alfafa**

A produtividade média de 7,89 t/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 14,17 t/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 97 hectares com uma produção de 765 toneladas; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 97,9% da área plantada e

TABELA 8 - Distribuição das Áreas e Participação das Delegacias Agrícolas (DAs) das Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília(p)<sup>1</sup> e Vale do Paranapanema, Estado de São Paulo, 1993

DIRA de Marília (p) <sup>1</sup> e DAs	Área (ha)	Participação (%)
Marília	237.500	22,61
Santa Cruz do Rio Pardo	326.000	31,03
Tupã	314.900	29,97
Garça	172.200	16,39
<b>Total</b>	<b>1.050.600</b>	<b>100,00</b>

  

DIRA do Vale do Paranapanema e DAs	Área (ha)	Participação (%)
Cândido Mota	315.400	37,26
Ourinhos	227.900	26,92
Paraguaçu Paulista	303.200	35,82
<b>Total</b>	<b>846.500</b>	<b>100,00</b>

<sup>1</sup>A DIRA de Marília (p) com 25 municípios representa a denominação posterior a implantação da DIRA do Vale do Paranapanema com 26 municípios.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

97,4% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 60 hectares com uma produção de 850 toneladas; a Delegacia de Ourinhos foi a única produtora (Tabela 9).

#### - Algodão em caroço

A produtividade média de 1.409,7 kg/ha da DIRA de Marília foi superior a de 1.213,5 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília foram plantados 2.463 hectares com uma produção de 3.472.200 kg; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 97,2% da área plantada e 97% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 8.701 hectares com uma produção de 10.558.950 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 51,1% da área plantada e 56,2% do total produzido.

#### - Amendoim das águas

A produtividade média de 76,83 sacos de 25 kg/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 84,39 sacos de 25 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília foram plantados 9.061 hectares com uma produção de 696.160 sacos de 25 kg; a Delegacia de Tupã participou com 73,7% da área plantada e 73,8% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 4.510 hectares com uma produção de 380.600 sacos de 25 kg; a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 99,8% da área plantada e 99,8% do total produzido.

#### - Amendoim da seca

A produtividade média de 49,58 sacos de 25 kg/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 61,93

TABELA 9 - Produtividade Média das Culturas Anuais e Semiperenes nas Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília(p) e Vale do Paranapanema, Estado de São Paulo, 1991/92

Culturas anuais e semiperenes	Unidade	Produtividade média	
		Marília	Vale do Paranapanema
Alfafa	t/ha	7,89	14,17
Algodão em caroço	kg/ha	1.409,7	1.213,5
Amendoim das águas	saco de 25 kg/ha	76,83	84,39
Amendoim das secas	saco de 25 kg/ha	49,58	61,93
Arroz em casca de seq. e varz.	saco de 60 kg/ha	19,05	30,55
Arroz em casca irrigado	saco de 60 kg/ha	71,43	43,93
Batata das águas	saco de 50 kg/ha	366,67	-
Batata da seca	saco de 50 kg/ha	381,25	-
Batata de inverno	saco de 50 kg/ha	216,67	-
Cana para forragem	t/ha	41,19	45,55
Cana para indústria	t/ha	63,82	84,40
Feijão das águas	saco de 60 kg/ha	9,64	13,16
Feijão da seca	saco de 60 kg/ha	6,98	14,13
Feijão de inverno irrigado	saco de 60 kg/ha	10	23,78
Feijão de inverno s/ irrigação	saco de 60 kg/ha	8,94	13,28
Mamona	saco de 50 kg/ha	40	23,06
Mandioca p/ indústria	t/ha	20,51	26,81
Mandioca p/ mesa	cx. de 25 kg/ha	667,62	562,26
Maracujá	cx. k de 16 kg/ha	905,73	546,51
Melancia	t/ha	23,98	42,75
Milho em grão	saco de 60 kg/ha	35,64	40,81
Milho em grão (safrinha)	saco de 60 kg/ha	27,26	33,09
Soja	saco de 60 kg/ha	26,60	23,60
Sorgo forrageiro	t/ha	40	-
Sorgo granífero das águas	saco de 60 kg/ha	-	12
Tomate envarado	cx. k de 25 kg/ha	2.021,98	2.935,81
Tomate rasteiro	t/ha	43,24	-
Trigo	saco de 60 kg/ha	26,22	25,30

Fonte: Informações geradas a partir do levantamento subjetivo do Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

sacos de 25 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília foram plantados 7.142 hectares com uma produção de 354.100 sacos de 25 kg; a Delegacia de Tupã participou com 79,1% da área plantada e 73,9% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 3.505 hectares com uma produção de 217.050 sacos de 25kg; a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 99,9% da área plantada e, praticamente, 100% do total produzido.

#### **- Arroz em casca (sequeiro e várzea)**

A produtividade média de 19,05 sacos de 60 kg/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 30,55 sacos de 60 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília foram plantados 4.965 hectares com uma produção de 94.560 sacos de 60 kg; a Delegacia de Tupã participou com 36,9% da área plantada e a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 38,7% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 5.906 hectares com uma produção de 180.431 sacos de 60kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 52,2% da área plantada e 62,3% do total produzido.

#### **- Arroz em casca irrigado**

A produtividade média de 71,43 sacos de 60 kg/ha da DIRA de Marília foi superior a de 43,93 sacos de 60 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, na Delegacia de Santa Cruz de Rio Pardo, foram plantados 35 hectares com uma produção de 2.500 sacos. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 895 hectares com uma produção de 39.315 sacos de 60 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 87,2% da área plantada e 94,1% do total produzido.

#### **- Batata das águas, da seca e de inverno**

A DIRA de Marília foi responsável por uma produtividade média de 366,67 sacos de 50kg/ha de batata das águas, 381,25 sacos de 50 kg/ha de batata da seca e 216,67 sacos de 50 kg/ha de batata de inverno.

A Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo, única produtora de batata das águas na DIRA de Marília, plantou 30 hectares produzindo um total de 11.000 sacos de 50 kg daquele produto, participou também com 93,8% da área plantada (16 hectares) e 98,4% do total produzido (6.100 sacos de 50 kg/ha) de batata da seca, além de ter participado de 66,7% da área plantada (15 hectares) e 76,9% do total produzido (3.250 sacos de 50 kg) de batata de inverno.

#### **- Cana para forragem**

A produtividade média de 41,19 t/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 45,55 t/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 5.930 hectares com uma produção de 244.250 toneladas; a Delegacia de Tupã participou com 37,4% da área plantada e 34,6% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 2.885 hectares com uma produção de 131.400 toneladas; a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 39% da área plantada e 38,8% do total produzido.

#### **- Cana para indústria**

A produtividade média de 63,82 t/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 84,40 t/ha da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília foram plantados 49.946 hectares com uma produção de 3.187.536 toneladas; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 72,5% da área plantada e 70,6% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 133.808 hectares com uma produção de 11.293.210 toneladas; as Delegacias de Cândido Mota e Paraguaçu Paulista

participaram com 82,3% da área plantada e 83,2% do total produzido.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 7.946 hectares de área nova, sendo que a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 77,3% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve um plantio de 25.175 hectares de área nova onde as Delegacias de Cândido Mota e Paraguaçu Paulista participaram com 82,6%.

#### **- Feijão das águas**

A produtividade média de 9,64 sacos de 60 kg/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 13,16 sacos de 60 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 4.105 hectares com uma produção de 39.560 sacos de 60 kg; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 46,3% da área plantada e 64,2% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 1.990 hectares com uma produção de 26.180 sacos de 60 kg; a Delegacia de Ourinhos participou com 70,9% da área plantada e 64,7% do total produzido.

#### **- Feijão da seca**

A produtividade média de 6,98 sacos de 60 kg/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 14,13 sacos de 60 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 2.370 hectares com uma produção de 16.540 sacos de 60 kg; a Delegacia de Tupã participou com 36,3% da área plantada e 30,4% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 1.550 hectares com uma produção de 21.900 sacos de 60 kg; a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 59,4% da área plantada e 48,9% do total produzido.

#### **- Feijão de inverno irrigado**

A produtividade média de 10 sacos de 60 kg/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 23,78 sacos de 60 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 100 hectares com

uma produção de 1.000 sacos de 60kg na Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo, no município de São Pedro do Turvo. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 283 hectares com uma produção de 6.729 sacos de 60 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 64,7% da área plantada e 81,4% do total produzido.

#### **- Feijão de inverno sem irrigação**

A produtividade média de 8,94 sacos de 60 kg/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 13,28 sacos de 60 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 700 hectares com uma produção de 6.260 sacos de 60 kg; as Delegacias de Marília e Tupã participaram com 82,9% da área plantada e 82,4% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 711 hectares com uma produção de 9.440 sacos de 60 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 55,6% da área plantada e 66,7% do total produzido.

#### **- Mamona**

A produtividade média de 40 sacos de 50 kg/ha da DIRA de Marília foi superior a de 23,06 sacos de 50 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 20 hectares com uma produção de 800 sacos de 50 kg, tendo como único produtor o município de Marília, na Delegacia de Marília. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 17 hectares com uma produção de 392 sacos de 50 kg sendo que a Delegacia de Cândido Mota foi a única produtora.

#### **- Mandioca para indústria**

A produtividade média de 20,51 t/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 26,81 t/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 1.180 hectares com uma produção de 24.200 toneladas; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 67,8% da área plantada e 66,1% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema

foram plantados 8.468 hectares com uma produção de 227.040 toneladas; a Delegacia de Cândido Mota participou com 72,9% da área plantada e 76% do total produzido.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 950 hectares de área nova, com a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo se responsabilizando por 73,7% e na DIRA do Vale do Paranapanema houve um plantio de 6.689 hectares, sendo que a Delegacia de Cândido Mota foi responsável por 59,1%.

#### **- Mandioca para mesa**

A produtividade média de 667,62 caixas de 25 kg/ha da DIRA de Marília foi superior a de 562,26 caixas de 25 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 244 hectares com uma produção de 162.900 caixas de 25 kg; a Delegacia de Tupã participou com 57,4% da área plantada e a Delegacia de Garça com 51,3% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 265 hectares com uma produção de 149.000 caixas de 25 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 43,4% da área plantada e 46,3% do total produzido.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 173 hectares de área nova com as Delegacias de Tupã e Garça se responsabilizando por 94,2%. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve um plantio de 155 hectares de área nova, sendo que a Delegacia de Ourinhos através do município de Ribeirão do Sul foi responsável por 77,4% desse total.

#### **- Maracujá**

A produtividade média de 905,73 caixas k de 16 kg/ha da DIRA de Marília foi superior a de 546,51 caixas k de 16 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 573 hectares com uma produção de 518.984 caixas k de 16 kg; a Delegacia de Marília participou com 59,5% da área plantada e 60% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 86 hectares com uma produção de 47.000 caixas k de 16 kg; a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 64% da área plantada e 53,2% do total produzido.

#### **- Melancia**

A produtividade média de 23,98 t/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 42,75 t/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 1.156 hectares com uma produção de 27.720 toneladas; as Delegacias de Marília e Santa Cruz do Rio Pardo participaram com 73,5% da área plantada e 70,4% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 186 hectares com uma produção de 7.952 toneladas; a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 80,7% da área plantada e 81,7% do total produzido.

#### **- Milho em grão**

A produtividade média de 35,64 sacos de 60 kg/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 40,81 sacos de 60 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 34.225 hectares com uma produção de 1.219.800 sacos de 60 kg; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 54,9% da área plantada e 59,8% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 68.796 hectares com uma produção de 2.807.420 sacos de 60 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 56,3% da área plantada e 63% do total produzido.

#### **- Milho em grão (safrinha)**

A produtividade média de 27,26 sacos de 60 kg/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 33,09 sacos de 60 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 925 hectares com uma produção de 25.220 sacos de 60 kg; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 70,3% da área plantada e 65,4% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 89.068 hectares com uma produção de 2.947.608 sacos de 60 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 57,3% da área plantada e 63,1% do total produzido.

### - Milho para silagem

Na DIRA de Marília, a área cultivada foi de 1.207 hectares sendo que a Delegacia de Tupã participou com 43,5% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema, a área cultivada foi de 1.450 hectares sendo que a Delegacia de Cândido Mota participou com 55,2% desse total.

### - Soja

A produtividade média de 26,60 sacos de 60 kg/ha da DIRA de Marília foi superior a de 23,60 sacos de 60 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 6.880 hectares com uma produção de 183.040 sacos de 60 kg; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 85,5% da área plantada e 89,1% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 134.228 hectares com uma produção de 3.167.708 sacos de 60 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 60,3% da área plantada e 64,5% do total produzido.

### - Sorgo forrageiro

A produtividade média foi de 40 t/ha na DIRA de Marília. Foram plantados 200 hectares com uma produção de 8.000 toneladas, no município de Herculândia, na Delegacia de Tupã.

### - Sorgo granífero das águas

A DIRA do Vale do Paranapanema obteve uma produtividade média de 12 sacos de 60 kg/ha. Foram cultivados 150 hectares que produziram 1.800 sacos de 60 kg no município de Ourinhos, na Delegacia de Ourinhos.

### - Tomate envarado

A produtividade média de 2.021,98 caixas k de 25 kg/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 2.935,81 caixas k de 25 kg/ha da DIRA do Vale do

Paranapanema. Na DIRA de Marília foram plantados 58 hectares com uma produção de 117.275 caixas k de 25 kg; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 50% da área plantada e 55,4% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 74 hectares com uma produção de 217.250 caixas k de 25 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 67,6% da área plantada e 57,5% do total produzido.

### - Tomate rasteiro

Na DIRA de Marília, a produtividade média foi de 43,24 t/ha, onde foram cultivados 74 hectares com uma produção de 3.200 toneladas, sendo que as Delegacias de Marília e Tupã participaram com 89,2% da área plantada e 90,9% do total produzido.

### - Trigo

A produtividade média de 26,22 sacos de 60 kg/ha da DIRA de Marília foi superior a de 25,30 sacos de 60 kg/ha da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, na Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo, foram plantados 1.800 hectares com uma produção de 47.200 sacos de 60 kg. Na DIRA do Vale do Paranapanema foram plantados 47.902 hectares com uma produção de 1.211.750 sacos de 60 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 55,7% da área plantada e 55,4% do total produzido.

## 5.2.2 - Culturas florestais

### - Cerradão

A DIRA de Marília apresentou-se com 8.840 hectares sendo que a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 66,4% desse total. A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 6.405 hectares sendo que a Delegacia de Ourinhos participou com 42,6% desse total.

### - Cerrado

A DIRA de Marília apresentou-se com 7.112 hectares sendo que a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 56,9% desse total. A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 7.756 hectares sendo que a Delegacia de Cândido Mota participou com 37,2% desse total.

### - Eucalipto

A DIRA de Marília apresentou-se com 1.168 hectares plantados no ano e 8.957 hectares de área com mais de 1 ano; a Delegacia de Marília participou com 65,5% da área plantada no ano e a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 39,5% da área com mais de um ano.

A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 624 hectares plantados no ano e 5.048 hectares de área com mais de um ano; a Delegacia de Cândido Mota participou com 80,3% da área plantada no ano e 57,1% da área com mais de um ano.

### - Kiri

A DIRA de Marília apresentou-se com 3 hectares plantados no ano (apenas na Delegacia de Marília) e 885 hectares de área com mais de um ano sendo que a Delegacia de Tupã participou com 95,1% dessa área. Na DIRA do Vale do Paranapanema, a Delegacia de Ourinhos apresentou-se com 21 hectares de área com mais de um ano.

### - Mata natural

A DIRA de Marília apresentou-se com 32.215 hectares sendo que a Delegacia de Garça participou com 31,5% desse total. A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 10.104 hectares sendo que as Delegacias de Cândido Mota e Ourinhos participaram com 81% desse total.

### - Pinus

A DIRA de Marília apresentou-se com 1.857 hectares de área com mais de um ano sendo que a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 78,1% desse total. A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 2.251 hectares de área com mais de um ano sendo que a Delegacia de Cândido Mota participou com 48,9% desse total.

## 5.2.3 - Culturas perenes

### - Abacate

A produtividade média de 4,63 caixas de 22 kg/pé da DIRA de Marília foi superior a de 1,45 caixa de 22 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema. A DIRA de Marília apresentou-se com 28.000 pés e a produção de 129.600 caixas de 22 kg; a Delegacia de Tupã participou com 83,9% da área plantada e com 83,3% do total produzido. A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 1.160 pés e produção de 1.680 caixas de 22 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 91,4% da área plantada e 70,2% do total produzido. Na DIRA de Marília houve um plantio de 11.700 pés novos sendo que na Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo, o município de Manduri participou com 42,7% desse total (Tabela 10).

### - Abacaxi

A produtividade média de 0,06 caixa de 17 kg/pé da DIRA de Marília foi ligeiramente superior a de 0,05 caixa de 17 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, na Delegacia de Tupã, no município de Iacri, estavam plantados 13.000 pés com uma produção de 780 caixas de 17 kg. Na DIRA do Vale do Paranapanema estavam plantados 2.020.000 pés com uma produção de 100.800 caixas de 17 kg; a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 99% da área plantada e 99,2% do total produzido.

Na DIRA de Marília houve um plantio de



TABELA 10 - Produtividade Média das Culturas Perenes nas Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília(p) e Vale do Paranapanema, Estado de São Paulo, 1991/92

Cultura perene	Unidade	Produtividade média	
		Marília	Vale do Paranapanema
Abacate	cx. de 22 kg/pé	4,63	1,45
Abacaxi	cx. de 17 kg/pé	0,06	0,05
Ameixa	cx. de 5 kg/pé	3	-
Banana	t/ha	19,32	34,71
Cacau	kg/pé	2,42	-
Café beneficiado	saco de 60 kg/mil pés	10	10
Caqui	cx. de 26 kg/pé	3,68	-
Figo para mesa	engrad. de 3,5 kg/pé	1	-
Goiaba para mesa	cx. de 3,5 kg/pé	4,40	2
Jabuticaba	kg/pé	24,05	21,43
Laranja	kg/pé	2,30	1,85
Lima	cx. de 40,8 kg/pé	2,71	1,47
Mamão	cx. dup. de 28 kg/pé	1,66	1
Manga	cx. de 22 kg/pé	2,83	3,29
Mexerica	cx. de 40,8 kg/pé	1,17	1,97
Murcote	cx. de 40,8 kg/pé	2,82	2
Pêssego para mesa	cx. de 3,5 kg/pé	4	-
Poncã	cx. de 40,8 kg/pé	2,80	1,87
Seringueira	litro/pé	3,67	10
Tangerina	cx. de 40,8 kg/pé	2,16	1,76
Uva comum para mesa	cx. de 5 kg/pé	1	2,33
Uva fina para mesa	cx. de 7 kg/pé	6	2,29
Uva para indústria	kg/pé	6	-

Fonte: Informações geradas a partir do levantamento subjetivo do Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

38.000 pés novos, sendo que a Delegacia de Garça, através do município de Ocaçu, foi responsável por 78,9% desse total.

#### **- Ameixa**

A produtividade média foi de 3 caixas de 5 kg/pé na DIRA de Marília. Estavam plantados 200 pés com uma produção de 600 caixas de 5 kg, na Delegacia de Garça, no município de Garça, onde ainda houve um plantio de 50 pés novos.

#### **- Banana**

A produtividade média de 19,32 t/ha da DIRA de Marília foi inferior a de 34,71 t/ha da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, estavam plantados 22 hectares com uma produção de 425 toneladas; a Delegacia de Marília, através do município de Oscar Bressane, participou com 49,4% do total produzido e a Delegacia de Garça participou com 59,1% da área plantada além de possuir 4 hectares de área nova. Na DIRA do Vale do Paranapanema, estavam plantados 17 hectares com uma produção de 590 toneladas; a Delegacia de Cândido Mota participou com 88,2% da área plantada e 96,6% do total produzido, além de ser responsável por uma área nova de 4 hectares.

#### **- Cacau**

A produtividade média do cacau na DIRA de Marília foi de 2,42 kg/pé. Estavam plantados 5.200 pés com uma produção de 12.600 kg; a Delegacia de Garça participou com 96,2% da área plantada e 99,2% do total produzido. Houve também um plantio de 12.000 pés novos, sendo que a Delegacia de Tupã participou com 66,7% dessa área.

#### **- Café beneficiado**

A produtividade média de 10 sacos de 60 kg/mil pés da DIRA de Marília foi igual a da DIRA do

Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília estavam plantados 53.395 mil pés com uma produção de 447.236 sacos de 60 kg; a Delegacia de Garça foi responsável por 48,7% da área plantada e 56,1% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema estavam plantados 20.386 mil pés com uma produção de 126.914 sacos de 60 kg; a Delegacia de Ourinhos participou com 85,3% da área plantada e 81,6% do total produzido.

Na DIRA de Marília registrou-se um plantio de 1.835 mil pés novos sendo que a Delegacia de Garça participou com 64,3% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve um plantio de 1.100 mil pés novos sendo que a Delegacia de Ourinhos foi responsável por 95,5% desse total.

#### **- Caqui**

A DIRA de Marília obteve uma produtividade média de 3,68 caixas de 26 kg/pé. Estavam plantados 1.580 pés produzindo um total de 5.820 caixas de 26 kg; a Delegacia de Garça participou com 65,2% da área plantada e com 80,2% do total produzido, além de ser responsável por uma área de 130 pés novos.

#### **- Figo para mesa**

A DIRA de Marília, através do município de Echaporã, obteve uma produtividade média de 1 engradado de 3,5 kg/pé. Estavam plantados 2.000 pés com uma produção de 2.000 engradados de 3,5 kg. Além disso, este município foi responsável por um plantio de 2.000 pés novos.

#### **- Goiaba para mesa**

A produtividade média de 4,40 caixas de 3,5 kg/pé da DIRA de Marília foi superior a de 2 caixas de 3,5 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, estavam plantados 1.430 pés com uma produção de 6.290 caixas de 3,5

kg; a Delegacia de Garça, através do município de Garça, participou com 69,9% da área e 79,5% do total produzido, além de possuir uma área com 200 pés novos. Na DIRA do Vale do Paranapanema, no município de Cândido Mota, estavam plantados 500 pés com uma produção de 1.000 caixas de 3,5 kg.

#### **- Jabuticaba**

A produtividade média de 24,05 kg/pé da DIRA de Marília foi superior a de 21,43 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, estavam plantados 3.700 pés com uma produção de 89.000 kg; a Delegacia de Garça participou com 73% da área plantada e a Delegacia de Marília, através do município de Oriente, participou com 56,2% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema, estavam plantados 280 pés com uma produção de 6.000 kg; o município de Cândido Mota participou com 71,4% da área plantada e a Delegacia de Ourinhos, através do município de Ribeirão do Sul, participou com 66,7% do total produzido.

Na DIRA de Marília, na Delegacia de Garça, houve ainda um plantio de 50 pés novos.

#### **- Laranja**

A produtividade média de 2,30 caixas de 40,8 kg/pé da DIRA de Marília foi superior a de 1,85 caixa de 40,8 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, estavam plantados 126.022 pés com uma produção de 289.826 caixas de 40,8 kg; as Delegacias de Marília e Tupã participaram com 60,2% da área plantada e 60,9% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema, estavam plantados 39.740 pés com uma produção de 73.590 caixas de 40,8 kg; a Delegacia de Ourinhos participou com 94,5% da área plantada e 93,1% do total produzido.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 395.684 pés novos, sendo que a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 85,9% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve um plantio

de 61.350 pés novos sendo que a Delegacia de Ourinhos participou com 56,6% desse total.

#### **- Limão**

A produtividade média de 2,71 caixas de 40,8 kg/pé da DIRA de Marília foi superior a de 1,47 caixa de 40,8 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, estavam plantados 47.030 pés com uma produção de 127.540 caixas de 40,8 kg; a Delegacia de Garça participou com 44,3% da área plantada e 54,6% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema, estavam plantados 19.193 pés com uma produção de 28.203 caixas de 40,8 kg; a Delegacia de Ourinhos participou com 97,9% da área plantada e 98,2% do total produzido.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 9.350 pés novos sendo que a Delegacia de Marília participou com 69,5% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve um plantio de 2.123 pés novos sendo que a Delegacia de Ourinhos participou com 99,5% desse total.

#### **- Mamão**

A produtividade média de 1,66 caixa dupla de 28 kg/pé da DIRA de Marília foi superior a de 1 caixa dupla de 28 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, estavam plantados 3.200 pés com uma produção de 5.300 caixas duplas de 28 kg; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo, através do município de Santa Cruz do Rio Pardo, participou com 46,9% da área plantada e 56,6% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema, na Delegacia de Cândido Mota, estavam plantados 200 pés com uma produção de 200 caixas duplas de 28 kg.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 16.200 pés novos sendo que o município de Iacri (Delegacia de Tupã) participou com 92,6% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve um plantio de 32.100 pés novos sendo que a Delegacia de Ourinhos participou com 68,5% desse total.

**- Manga**

A produtividade média de 2,83 caixas de 22 kg/pé da DIRA de Marília foi inferior a de 3,29 caixas de 22 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, estavam plantados 40.750 pés com uma produção de 115.500 caixas de 22 kg; a Delegacia de Tupã participou com 77,2% da área plantada e 76,1% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema, estavam plantados 1.700 pés com uma produção de 5.600 caixas de 22 kg; a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 58,8% da área e 71,4% da produção.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 2.220 pés novos sendo que a Delegacia de Garça participou com 73% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve um plantio de 3.020 pés novos sendo que a Delegacia de Paraguaçu paulista participou com 99,3% desse total.

**- Mexerica**

A produtividade média de 1,17 caixa de 40,8 kg/pé da DIRA de Marília foi inferior a de 1,97 caixa de 40,8 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, estavam plantados 11.450 pés com uma produção de 13.400 caixas de 40,8 kg; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 52,4% da área plantada e 44,8% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema, estavam plantados 4.620 pés com uma produção de 9.120 caixas de 40,8 kg; a Delegacia de Ourinhos, através do município de Taguaí, participou com 97,4% da área e 98,7% de total produzido.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 640 pés novos sendo que a Delegacia de Tupã (no município de Iacri) participou com 78,1% desse total.

**- Murcote**

A produtividade média de 2,82 caixas de 40,8 kg/pé da DIRA de Marília foi superior a de 2 caixas de 40,8 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, estavam plantados

158.490 pés com uma produção de 446.640 caixas de 40,8 kg; a Delegacia de Marília participou com 66,5% da área plantada e 69,9% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema, no município de Fartura (Delegacia de Ourinhos), estavam plantados 1.500 pés com uma produção de 3.000 caixas de 40,8kg.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 6.050 pés novos sendo que a Delegacia de Marília participou com 99,2% desse total.

**- Nectarina**

Na DIRA de Marília houve um plantio de 1.150 pés novos sendo que a Delegacia de Marília, através do município de Marília, participou com 87% desse total.

**- Pêra**

No Município de Echaporã, Delegacia de Marília, na DIRA de Marília, houve um plantio de 300 pés novos. No Município de Lutécia, Delegacia de Paraguaçu Paulista, na DIRA do Vale do Paranapanema, houve um plantio de 3.000 pés novos.

**- Pêssego para mesa**

Na DIRA de Marília, a produtividade média do pêssego para mesa foi de 4 caixas de 3,5 kg/pé, sendo que na Delegacia de Garça, estavam plantados um total de 1.000 pés com uma produção de 4.000 caixas de 3,5 kg.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 5.800 pés novos, sendo que o município de Marília participou com 51,7% dessa área. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve um plantio de 400 pés novos, no município de Cândido Mota.

**- Poncã**

A produtividade média de 2,80 caixas de 40,8 kg/pé da DIRA de Marília foi superior a de 1,87 caixa de 40,8 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema.

nema.

Na DIRA de Marília, estavam plantados 312.917 pés com uma produção de 875.594 caixas de 40,8 kg; a Delegacia de Marília participou com 69,9% da área plantada e 74,8% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema, estavam plantados 28.760 pés com uma produção de 53.760 caixas de 40,8 kg; a Delegacia de Ourinhos participou com 98,3% da área plantada e 99,1% do total produzido. Na DIRA de Marília houve um plantio de 40.413 pés novos sendo que a Delegacia de Marília participou com 52,3% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve um plantio de 3.597 pés novos sendo que a Delegacia de Ourinhos participou com 98,6% desse total.

#### **- Seringueira**

A produtividade média de 3,67 litros/pé da DIRA de Marília foi inferior a de 10 litros/pé da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília, estavam plantados 177.621 pés com uma produção de 652.505 litros; a Delegacia de Garça participou com 46,4% da área plantada e a Delegacia de Marília participou com 41,4% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema, na Delegacia de Paraguaçu Paulista, estavam plantados 20.000 pés com uma produção de 200.000 litros.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 1.124.245 pés novos sendo que a Delegacia de Garça participou com 45% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve um plantio de 27.700 pés novos sendo que a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 86,6% desse total.

#### **- Tangerina**

A produtividade média de 2,16 caixa de 40,8 kg/pé da DIRA de Marília foi superior a de 1,76 caixa de 40,8 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília, estavam plantados 4.150 pés com uma produção de 8.950 caixas de 40,8 kg; a Delegacia de Marília, através do município de Oriente, participou com 72,3% da área plantada e 67% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema, estavam plantados

11.250 pés com uma produção de 19.750 caixas de 40,8 kg; a Delegacia de Ourinhos participou com 99,8% da área total e 99,9% do total produzido.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 340 pés novos sendo que a Delegacia de Marília (no município de Oriente) participou com 88,2% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema, na Delegacia de Ourinhos, houve um plantio de 547 pés novos.

#### **- Uva comum para mesa**

A produtividade média de 1 caixa de 5 kg/pé da DIRA de Marília foi inferior a de 2,33 caixas de 5 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília, na Delegacia de Garça, estavam plantados 500 pés com uma produção de 500 caixas de 5 kg. Na DIRA do Vale do Paranapanema, estavam plantados 1.200 pés com uma produção de 2.800 caixas de 5 kg; a Delegacia de Ourinhos participou com 50% da área plantada e a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 71,4% do total produzido.

Na DIRA de Marília, na Delegacia de Garça, houve plantio de 350 pés novos. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve plantio de 500 pés novos sendo que a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 80% desse total.

#### **- Uva fina para mesa**

A produtividade média de 6 caixas de 7 kg/pé da DIRA de Marília foi superior a de 2,29 caixas de 7 kg/pé da DIRA do Vale do Paranapanema. Na DIRA de Marília, no município de Iacri (Delegacia de Tupã), estavam plantados 700 pés com uma produção de 4.200 caixas de 7 kg. Na DIRA do Vale do Paranapanema, estavam plantados 1.700 pés com uma produção de 3.900 caixas de 7 kg; a Delegacia de Ourinhos participou com 64,7% da área plantada e a Delegacia de Paraguaçu Paulista (através do município de Paraguaçu Paulista) participou com 51,3% do total produzido.

Na DIRA de Marília houve um plantio de 800 pés novos sendo que a Delegacia de Tupã (através

do município de Iacri) participou com 75% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema houve plantio de 500 pés novos sendo que o município de Paraguaçu Paulista participou com 80% desse total.

#### **- Uva para indústria**

A produtividade média da uva para indústria na DIRA de Marília foi de 6 kg/pé. Estavam plantados 500 pés com uma produção de 3.000 kg na Delegacia de Tupã, no município de Iacri, onde, além disso, houve plantio de 200 pés novos.

### **5.2.4 - Pecuária**

#### **- Pastagens (natural, plantada e capim para semente)**

A área de pastagem cultivada na DIRA de Marília foi de 572.320 hectares sendo que as Delegacias de Tupã e Santa Cruz do Rio Pardo participaram com 64,8% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema, a área de pastagem cultivada foi de 241.210 hectares, sendo que a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 45,3% desse total.

A área de pastagem natural na DIRA de Marília foi de 80.100 hectares sendo que as Delegacias de Garça e Santa Cruz do Rio Pardo participaram com 64,8% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema, a área de pastagem natural foi de 49.755 hectares, sendo que a Delegacia de Ourinhos participou com 57,7% desse total.

A área de capim para semente na DIRA de Marília foi de 830 hectares sendo que a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 75,9% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema, a área de capim para semente foi de 354 hectares, sendo que a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 93,2% desse total.

#### **- Número de bovinos em todas as idades**

Na DIRA de Marília, o número de bovinos

somou 764.325 cabeças, sendo que o bovino de corte representou 69,3%, bovino de leite 14,2% e o misto 16,5%; as Delegacias de Santa Cruz do Rio Pardo e Tupã representaram 61,2% dos bovinos de corte, 71,6% dos bovinos de leite e 64,2% dos bovinos mistos. Na DIRA do Vale do Paranapanema, o número de bovinos somou 394.680 cabeças, sendo que o bovino de corte representou 58,9%, bovino de leite 15,2% e o misto 25,9%; a Delegacia de Paraguaçu Paulista representou 45,7% dos bovinos de corte, 40,1% dos bovinos de leite e 40,2% dos bovinos mistos.

#### **- Bovinos encaminhados ao abate no ano**

A produtividade média de 13,95 arrobas de 15 kg/cabeça da DIRA de Marília foi inferior a de 14,70 arrobas/cabeça da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, o número de bovinos somou 94.094 cabeças com um peso total de 1.311.580 arrobas; as Delegacias de Santa Cruz do Rio Pardo e Tupã participaram com 70,8% do total de cabeças e 73,3% do peso total. Na DIRA do Vale do Paranapanema, o número de bovinos somou 79.775 cabeças com um peso total de 1.172.352 arrobas; as Delegacias de Ourinhos e Paraguaçu Paulista participaram com 78,8% do total de cabeças do peso total.

#### **- Produção de leite**

Na DIRA de Marília, a produção de leite foi de 79.749 mil litros por ano, sendo que as Delegacias de Santa Cruz do Rio Pardo e Tupã participaram com 66,5% do total.

Na DIRA do Vale do Paranapanema, a produção de leite foi de 45.800 mil litros por ano, sendo que a Delegacia de Cândido Mota participou com 52,6% do total.

#### **- Número de suínos em todas as idades**

Na DIRA de Marília, o número de suínos somou 73.350 cabeças, sendo que a Delegacia de

Santa Cruz do Rio Pardo participou com 50% desse total. Na DIRA do Vale do Paranapanema, o número de suínos somou 74.460 cabeças, sendo que a Delegacia de Ourinhos participou com 56% desse total.

#### **- Suínos encaminhados ao abate durante o ano**

A produtividade média de 4,64 arrobas/cabeça da DIRA de Marília foi ligeiramente superior a de 4,44 arrobas/cabeça da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, o número de suínos somou 56.270 cabeças com um peso total de 261.300 arrobas; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 52,1% do total de cabeças e 54% do peso total. Na DIRA do Vale do Paranapanema, o número de suínos somou 86.155 cabeças com um peso total de 382.650 arrobas; a Delegacia de Ourinhos participou com 83% do total de cabeças e 89,4% do peso total.

#### **- Número de aves de granja para corte (excluindo perus)**

Na DIRA de Marília, o número de cabeças de aves de granja para corte foi de 84.900 sendo que a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo participou com 56,5% desse total.

Na DIRA do Vale do Paranapanema, o número de cabeças de aves de granja para corte foi de 547.400 sendo que a Delegacia de Ourinhos participou com 57,6% desse total.

#### **- Aves de granja de postura**

A produtividade média de 0,02 mil dúzias/cabeça da DIRA de Marília foi igual a da DIRA do Vale do Paranapanema. A DIRA de Marília apresentou-se com 8.724.000 cabeças de aves poedeiras produzindo um total de 134.342 mil dúzias de ovos por ano; a Delegacia de Tupã participou com 82,4% do número de total de cabeças e 77,6% da produção anual total.

A DIRA do Vale do Paranapanema apre-

sentou-se com 1.990.000 cabeças de aves poedeiras produzindo um total de 39.077 mil dúzias de ovos por ano; a Delegacia de Cândido Mota participou com 72,5% do número total de cabeças e 82,4% do total da produção anual.

#### **- Aves de granja do local enviadas e por enviar ao abate, no ano (excluindo perus)**

A produtividade média de 1,56 kg/cabeça da DIRA de Marília foi ligeiramente superior a de 1,51 kg/cabeça da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília, o número de aves para abate somou 3.494.200 cabeças com um peso total de 5.456.500 kg; a Delegacia de Tupã participou com 69,8% do total de cabeças e 66,1% do peso total. Na DIRA do Vale do Paranapanema, o número de aves para abate somou 1.230.600 cabeças com um peso total de 1.853.400 kg; a Delegacia de Cândido Mota participou com 96,1% do total de cabeças e 95,8% do peso total.

#### **- Sericicultura e bicho da seda**

A DIRA de Marília apresentou-se com 564 sirgarias produzindo um total de 236.100 gramas de ovos durante todo o ano; a Delegacia de Tupã participou com 48,1% da produção total de ovos e a Delegacia de Garça participou com 51,4% do número de sirgarias.

A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 45 sirgarias produzindo um total de 16.100 gramas de ovos; a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 80% do número total de sirgarias e 78,3% da produção.

A DIRA de Marília somou uma área correspondente a 4.103 hectares de amoreira com uma produção anual de 1.136.770 kg de casulo; a Delegacia de Tupã participou com 38,2% da área e 40,6% da produção e a Delegacia de Garça com 34,3% da área e 32,96% da produção (a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo com 21,4% da área e 22,5% da produção e a Delegacia de Marília, através do município de Marília, com 6,1% da área e 4% da produção).

A DIRA do Vale do Paranapanema somou 232 hectares de amoreira com uma produção anual de 76.300kg de casulo; a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 78,4% da área e 77,1% da produção e a Delegacia de Ourinhos, através do município de Ribeirão do Sul, com 21,6% da área e 22,9% da produção.

#### **- Número de eqüinos em todas as idades**

A DIRA de Marília apresentou-se com 33.480 cabeças, distribuídas nas Delegacias de Garça com 28,8%, Tupã com 26,2%, Marília com 22,7% e Santa Cruz do Rio Pardo com 22,3%. A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 19.133 cabeças, sendo que 46,8% delas concentrou-se na Delegacia de Cândido Mota.

#### **- Número de muares e asininos em todas as idades**

A DIRA de Marília apresentou-se com 9.070 cabeças, sendo que 37,7% delas concentrou-se na Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo. A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 7.855 cabeças, sendo que 51,6% delas concentrou-se na Delegacia de Cândido Mota.

#### **- Número de bubalinos em todas as idades**

A DIRA de Marília apresentou-se com 4.660 cabeças, sendo que 63,1% delas concentrou-se na Delegacia de Tupã. A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 1.825 cabeças, sendo que 95,7% delas concentrou-se nas Delegacias de Ourinhos e Paraguaçu Paulista.

#### **- Apicultores, mel e cera**

A DIRA de Marília apresentou-se com 109 produtores de mel, sendo que 34,9% deles concentraram-se na Delegacia de Marília. A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 38 produtores, sendo que 47,4% deles concentraram-se na Delegacia de Paraguaçu Paulista.

A DIRA de Marília apresentou-se com 6.060 colméias com uma produção total de 248.345 kg de mel e 16.970 kg de cera no ano, sendo que a Delegacia de Tupã participou com 60,5% do número total de colméias, 82,4% do mel e 79,2% da cera produzidos.

A DIRA do Vale do Paranapanema apresentou-se com 1.839 colméias produzindo um total de 32.557 kg de mel e 4.448 kg de cera, sendo que a Delegacia de Cândido Mota participou com 50,2% do número de colméias e 51,1% do mel e a Delegacia de Paraguaçu Paulista participou com 58,5% do total de cera produzida.

### **5.2.5 - Olericultura**

#### **- Abóbora**

A produtividade média da abóbora de 14,25 t/ha da DIRA de Marília foi bastante inferior a de 28,33 t/ha da DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília estavam plantados 604 hectares que produziram 8.610 toneladas; a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo, no município de Santa Cruz do Rio Pardo, participou com 66,2% da área e 69,7% do total produzido. Na DIRA do Vale do Paranapanema estavam plantados 27 hectares que produziram 765 toneladas; a Delegacia de Paraguaçu Paulista (no município de Quatá), participou com 92,6% da área total e 81,7% do total produzido.

## **6 - AGROINDÚSTRIAS SELECIONADAS NAS DIRAS DE MARÍLIA(p) E VALE DO PARANAPANEMA, 1978 E 1989**

De acordo com a compatibilização das duas fontes de informação discutidas na parte metodológica, diferenciaram-se as agroindústrias existentes em 1978 e 1989 nessas duas DIRAs.

### **6.1 - Agroindústrias em 1978**

Sob a classificação de agroindústria encontravam-se, em 1978, um total de 192 estabelecimentos



agroindustriais em Marília(p) e 212 no Vale do Paranapanema (Tabela 11). O maior número de agroindústrias encontrado refere-se à indústria de produtos alimentares. Do total disponível, 95,31% pertencem à indústria de alimentos em Marília(p) e 93,87% no Vale do Paranapanema.

### 6.1.1 - DIRA de Marília(p)

Dentro desse ramo de atividade, em Marília(p), o maior número de estabelecimentos verificou-se para as beneficiadoras de café, cereais e produtos afins (código 26.01) com 44,79% do total; as indústrias de torrefação e moagem de café (código 26.03) com 6,25%; as ligadas à preparação do leite e fabricação de produtos de laticínios (cod. 26.40) e as indústrias de fabricação de outros produtos alimentares não especificados ou não cadastrados (cod.26.99) ambas com 4,69% do total.

A fabricação de massas alimentícias e biscoitos (cod.26.80) participou com 5,73%; e a de beneficiamento, moagem, torrefação e fabricação de produtos alimentares diversos de origem vegetal, não especificados ou não classificados (cod.26.09) com 3,65% do total.

A indústria de bebidas (cod.27), com 5 unidades, participou com 2,60% do número total. A indústria de couros e peles e produtos similares (cod.19) somou 4 estabelecimentos, participando com 2,08% do total.

### 6.1.2 - DIRA do Vale do Paranapanema

No Vale do Paranapanema, o maior número de estabelecimentos da indústria de produtos alimentares verificou-se, também, para a indústria de beneficiamento de café, cereais e produtos afins (cod. 26.01), com 46,70% do total (Tabela 11). Seguem-se, por ordem de número, a fabricação de produtos de mandioca (cod.26.06) com 12,26%; a indústria de torrefação e moagem de café (cod.26.03) com 5,19%; aqueles ligados à preparação do leite e fabricação de produtos de laticínios (cod.26.40) com 4,25%; a fabricação de produtos de milho, exclusive óleo (cod.26.05), e com a de fabricação de produtos de

padaria, confeitaria e pastelarias (cod.26.70) participaram com 3,77% cada.

Em 1978, havia no Vale do Paranapanema dez indústrias de bebidas sendo uma de fabricação de vinho (cod.27.10) e nove de bebidas não alcoólicas (cod.27.41); as indústrias de couros e peles e produtos similares (cod.19), em número de três, participaram com 1,42% do total.

## 6.2 - Classificação das Agroindústrias de Marília(p) e Vale do Paranapanema em 1989

Os dados do cadastro da CETESB de 1989 mostram um perfil das agroindústrias nas DIRAs de Marília(p) e Vale do Paranapanema diferente daquele apresentado no cadastro de 1978 do Ministério da Fazenda. O total de estabelecimentos foi de 227 para a DIRA de Marília(p) e de 139 para a DIRA do Vale do Paranapanema (Tabela 12).

### 6.2.1 - DIRA de Marília(p)

A indústria de produtos alimentícios se sobressai com 196 estabelecimentos, o que corresponde a 86,34% do total considerado.

Por ordem de número, nessa DIRA, verificou-se 86 estabelecimentos de beneficiamento de café, cereais e produtos afins (cod.26.01), as indústrias de torrefação e moagem de café (cod.26.03) e os estabelecimentos ligados à preparação do leite e fabricação de produtos laticínios (cod.26.40) apresentaram 14 estabelecimentos cada, participando com 6,17% do total; as indústrias de refeições conservadas, conservas de frutas, legumes e outros vegetais, preparação de especiarias e fabricação de doces - exclusive de confeitaria (cod.26.10) participaram com 4,85%; já a fabricação de produtos de mandioca (cod.26.06), as fábricas de rações balanceadas e de alimentos preparados para animais - inclusive farinhas de carne, sangue, osso e peixe (cod.26.98) e fabricação de outros produtos alimentares não especificados ou não cadastrados (cod.26.99) participaram cada um com 4,41%, tendo apresentado dez estabelecimentos cada um.

TABELA 11 - Número de Agroindústrias, por Atividade, nas Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília(p)<sup>1</sup> e Vale do Paranapanema, Estado de São Paulo, 1978

Código de atividades dos grupos	Marília(p)		Vale do Paranapanema	
	Nº	%	Nº	%
26.01	86	44,79	99	46,70
26.03	12	6,25	11	5,19
26.05	6	3,13	8	3,77
26.06	3	1,56	26	12,26
26.09	7	3,65	7	3,30
26.10	4	2,08	2	0,94
26.20	5	2,60	6	2,83
26.21	0	0,00	2	0,94
26.22	0	0,00	1	0,47
26.40	9	4,69	9	4,25
26.51	1	0,52	3	1,42
26.52	0	0,00	1	0,47
26.60	3	1,56	4	1,89
26.70	8	4,17	8	3,77
26.80	11	5,73	2	0,94
26.91	8	4,17	2	0,94
26.92	4	2,08	4	1,89
26.98	7	3,65	1	0,47
26.99	9	4,69	3	1,42
Total cod. 26	183	95,31	199	93,87
27.10	0	0,00	1	0,47
27.41	5	2,60	9	4,25
Total cod. 27	5	2,60	10	4,72
19.10	4	2,08	2	0,94
19.11	0	0,00	1	0,47
Total outras	4	2,08	3	1,42
Total	192	100,00	212	100,00

<sup>1</sup>A DIRA de Marília (p) com 25 municípios representa a denominação posterior à implantação da DIRA do Vale do Paranapanema com 26 municípios.

Fonte: Elaborada a partir do Cadastro Geral de Contribuintes do Ministério da Fazenda.

TABELA 12 - Número de Agroindústrias, por Atividade, nas Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília(p)<sup>1</sup> e Vale do Paranapanema, Estado de São Paulo, 1989

Código de atividades dos grupos	Marília(p)		Vale do Paranapanema	
	Nº	%	Nº	%
26.01	86	37,89	27	19,42
26.03	14	6,17	4	2,88
26.05	1	0,44	4	2,88
26.06	10	4,41	32	23,02
26.07	1	0,44	0	0,00
26.09	3	1,32	2	1,44
26.10	11	4,85	5	3,60
26.20	5	2,20	4	2,88
26.21	5	2,20	2	1,44
26.22	2	0,88	1	1,72
26.40	14	6,17	6	4,32
26.51	1	0,44	4	2,88
26.60	6	2,64	5	3,60
26.70	4	1,76	3	2,16
26.80	7	3,08	3	2,16
26.91	5	2,20	4	2,88
26.92	1	0,44	1	0,72
26.98	10	4,41	3	2,16
26.99	10	4,41	2	1,44
Total cod. 26	196	86,34	112	80,58
27.20	9	3,96	17	12,23
27.30	1	0,44	0	0,00
27.41	1	0,44	2	1,44
27.50	11	4,85	5	3,60
Total cod. 27	22	9,69	24	17,27
19.10	8	3,52	2	1,44
20.50	1	0,44	1	0,72
Total outras	9	3,96	3	2,16
Total	227	100,00	139	100,00

<sup>1</sup>A DIRA de Marília (p) com 25 municípios representa a denominação posterior a implantação da DIRA do Vale do Paranapanema com 26 municípios.

Fonte: Elaborada a partir do Cadastro da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB).

A indústria de bebidas (cod.27) parece ter se expandido nessa DIRA, contando em 1989 com 22 unidades, representando 9,69% do total e sendo onze estabelecimentos para destilação de álcool (cod.27.50), nove de fabricação de aguardente, licores e outras bebidas alcoólicas (cod.27.20), um de fabricação de cervejas, chopos e malte (cod.27.30) e um de fabricação de bebidas não alcoólicas (cod.27.41). Em Marília(p) existiam, ainda, oito indústrias de peles e couros e produtos similares (cod.19), e uma indústria de fabricação de concentrados aromáticos naturais, artificiais e sintéticos (cod.20.50).

### 6.2.2 - DIRA do Vale do Paranapanema

A indústria de produtos alimentares da DIRA do Vale do Paranapanema contava com 112 estabelecimentos, o que representava 80,58% do total (Tabela 12). Essa DIRA apresentou, em 1989, 32 estabelecimentos de fabricação de produtos de mandioca (cod.26.06) e 27 de beneficiamento de café, cereais e produtos afins (cod.26.01).

Pela ordem, tem-se: seis ligadas à preparação do leite e produtos de laticínios (cod.26.40) e cinco estabelecimentos de refeições conservadas, conservas de frutas, legumes e outros vegetais, preparação de especiarias e fabricação de doces - exclusive de confeitaria (cod.26.10) -, e também com cinco estabelecimentos as indústrias de fabricação de balas, caramelos, pastilhas, dropes, bombons e chocolates, etc., inclusive goma de mascar (cod.26.60).

A indústria de bebidas do Vale do Paranapanema contava com 24 estabelecimentos, sendo 17 de fabricação de aguardentes, licores e outras bebidas alcoólicas (cod.27.20), cinco destiladoras de álcool (cod.27.50), duas de bebidas não alcoólicas (cod.27.41). Essa indústria participou com 17,27% do total.

As indústrias de couros e peles e produtos similares (cod.19) eram duas, e a de fabricação de concentrados aromáticos naturais, artificiais e sintéticos (cod.20.50) participou com um estabelecimento, representando 0,72% do total.

## 7 - PERFIL DAS AGROINDÚSTRIAS POR DELEGACIA AGRÍCOLA NAS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS (DIRAS) DE MARÍLIA(p) E DO VALE DO PARANAPANEMA, 1989<sup>14</sup>

Esta parte do trabalho traça o perfil das agroindústrias por Delegacias Agrícolas nas respectivas DIRAs.

### 7.1 - DIRA de Marília(p)

Segundo os dados da CETESB e conforme os setores analisados, a DIRA de Marília(p) possuía 227 agroindústrias em 1989. As Delegacias de Santa Cruz do Rio Pardo (79) e de Marília(p) (63) tiveram o maior número dessas indústrias, seguidas da Delegacia de Tupã com 52 e de Garça com 33 agroindústrias (Tabela 13).

#### 7.1.1 - Delegacia Agrícola de Santa Cruz do Rio Pardo

Nessa Delegacia, as agroindústrias ligadas ao beneficiamento participaram com 42 unidades, o que representa mais da metade do número total de propriedades, distribuídas em 41 de beneficiamento de café e uma de produtos diversos.

As indústrias relativas à pecuária eram dez, com cinco de curtimento de couro, quatro de laticínios e uma de abate de animais.

No setor de bebidas eram onze as empresas, sendo seis de destilação de álcool e cinco de aguardentes e outras bebidas alcoólicas.

Ainda nessa Delegacia encontravam-se cinco agroindústrias de torrefação e moagem de café; uma agroindústria de fabricação de aromatizantes; uma de balas e semelhantes, também uma de sorvetes, bolos e tortas.

#### 7.1.2 - Delegacia Agrícola de Marília(p)

As agroindústrias ligadas ao beneficiamento do café somavam treze unidades, as de conservas de frutas, cinco unidades. Nessa Delegacia verificou-se

TABELA 13 - Número de Agroindústrias, por Atividade e Delegacia Agrícola, Divisão Regional Agrícola (DIRA) de Marília(p)<sup>1</sup>, Estado de São Paulo, 1989

Atividade	Delegacia <sup>2</sup>				Total
	1	2	3	4	
Beneficiamento de café	13	41	22	10	86
Torrefação e moagem de café	3	5	2	4	14
Fabricação de produtos de milho	0	1	0	0	1
Fabricação de produtos de mandioca	0	2	0	8	10
Fabricação de farinhas diversas	0	1	0	0	1
Benef. e torrefação prod. diversos	0	1	2	0	3
Conservas de frutas	5	1	5	0	11
Abate de animais	1	1	2	1	5
Conservas de carne	0	1	3	1	5
Conservas de carne, salsicharia	0	0	0	2	2
Laticínio	5	4	4	1	14
Açúcar	1	0	0	0	1
Balas e semelhantes	5	1	0	0	6
Prod. de padaria, confeitaria e pastelaria	3	0	0	1	4
Massas alimentícias e biscoitos	6	0	0	1	7
Preparo de óleo e gorduras	2	0	2	1	5
Sorvetes, bolos e tortas	1	0	0	0	1
Fabricação de rações e ingredientes	4	2	2	2	10
Fabricação de produtos alimentares	8	1	1	0	10
Aguardentes e outras bebidas alcoólicas	1	5	3	0	9
Cerveja, chopes e malte	1	0	0	0	2
Bebidas não alcoólicas	1	0	0	0	2
Destilação de álcool	1	6	3	1	11
Curtimento de couro	2	5	1	0	8
Fabricação de aromatizantes	0	1	0	0	1
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>79</b>	<b>52</b>	<b>33</b>	<b>227</b>

<sup>1</sup>A DIRA de Marília (p) com 25 municípios representa a denominação posterior à implantação da DIRA do Vale do Paranapanema com 26 municípios.

<sup>2</sup>As Delegacias Agrícolas são as seguintes: 1 - Marília; 2 - Santa Cruz do Rio Pardo; 3 - Tupã; 4 - Garça.

Fonte: Elaborada a partir do cadastro da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB).

também oito agroindústrias de fabricação de outros produtos alimentares.

As indústrias relativas à pecuária somavam oito, distribuídas da seguinte forma: cinco de laticínios, duas de curtimento de couro e uma de abate de animais.

O setor de bebidas apresentava quatro agroindústrias distribuídas igualmente em uma unidade entre: aguardentes e outras bebidas alcoólicas; cerveja, chope e malte; bebidas não alcoólicas; e destilação de álcool.

### **7.1.3 - Delegacia Agrícola de Tupã**

A Delegacia de Tupã possuía 22 indústrias de beneficiamento de café e duas de beneficiamento e torrefação de produtos diversos. As indústrias de conservas totalizavam oito sendo cinco de frutas e três de carne.

As indústrias relativas à pecuária somavam sete unidades sendo quatro de laticínios, duas de abate de animais e uma de curtimento de couro. O setor de bebidas somava seis sendo três de aguardentes e outras bebidas e três de destilação de álcool.

### **7.1.4 - Delegacia Agrícola de Garça**

A Delegacia de Garça possui dez indústrias de beneficiamento de café, oito de fabricação de produtos de mandioca e três de conservas de carne e salsicharia.

As indústrias relativas à pecuária somavam duas enquanto que o setor de bebidas apresentava apenas uma de destilação de álcool. Essa Delegacia possuía também quatro indústrias de torrefação e moagem de café.

## **7.2 - DIRA do Vale do Paranapanema**

A DIRA do Vale do Paranapanema possuía 139 agroindústrias em 1989. O número dessas empresas estava distribuído da seguinte forma entre as Delegacias: 62 em Cândido Mota, 52 em Ourinhos e 25 em Paraguaçu Paulista (Tabela 14).

### **7.2.1 - Delegacia Agrícola de Cândido Mota**

A Delegacia de Cândido Mota possuía três empresas ligadas à pecuária, onze ao beneficiamento, onze ao setor de bebidas, 23 de fabricação de produtos de mandioca, três de torrefação e moagem de café, duas de doces, duas de conservas alimentícias e três de produtos de padaria e massas.

### **7.2.2 - Delegacia Agrícola de Ourinhos**

Na Delegacia de Ourinhos, doze de suas agroindústrias eram ligadas ao beneficiamento, destacando-se as de café (onze).

Havia três empresas ligadas ao preparo de óleos e gorduras. Do restante, uma era de torrefação e moagem de café, quatro de produtos de mandioca, cinco ligadas à pecuária, oito no setor de bebidas e, ainda, três de fabricação de produtos de milho.

### **7.2.3 - Delegacia Agrícola de Paraguaçu Paulista**

A Delegacia de Paraguaçu Paulista possuía seis empresas ligadas ao beneficiamento de café. As demais encontravam-se distribuídas da seguinte forma: cinco de mandioca, uma de preparo de óleos e gorduras, uma de doces, cinco de bebidas em geral.

## **8 - EXPANSÃO DA PRODUÇÃO DE GRÃOS: UMA POSSIBILIDADE PARA AS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS DE MARÍLIA E DO VALE DO PARANAPANEMA**

O elevado grau de diversificação da agricultura paulista deve-se, segundo NOGUEIRA JUNIOR et alii (1989), a uma série de fatores como o meio físico, as condições de clima e a proximidade dos grandes mercados da Região Centro-Sul.

A dependência do Estado de São Paulo de importação de grãos (arroz, milho, soja, trigo e sorgo), passíveis de armazenamento a granel, decorre do elevado contingente populacional e da magnitude do parque industrial.

Segundo aqueles autores, o Estado de São

TABELA 14 - Número de Agroindústrias, por Atividade e Delegacia Agrícola, Divisão Regional Agrícola (DIRA) do Vale do Paranapanema, Estado de São Paulo, 1989

Atividade	Delegacia <sup>1</sup>			Total
	1	2	3	
Beneficiamento de café	10	11	6	27
Torrefação e moagem de café	3	1	0	4
Fabricação de produtos de milho	1	3	0	4
Fabricação de produtos de mandioca	23	4	5	32
Fabricação de farinhas diversas	0	0	0	0
Benef. e torref. de prod. diversos	1	1	0	2
Conserva de frutas	1	4	0	5
Abate de animais	1	2	1	4
Conservas de carne	1	1	0	2
Conservas de carne, salsicharia	0	0	1	1
Laticínio	1	3	2	6
Açúcar	1	1	2	4
Balas e semelhantes	1	4	0	5
Prod. de padaria, confeitaria e pastel	1	2	0	3
Massas alimentícias e biscoitos	2	1	0	3
Preparo de óleo e gorduras	0	3	1	4
Sorvetes, bolos e tortas	0	0	1	1
Fabric. de rações e ingredientes	1	2	0	3
Fabric. de outros prod. alimentares	2	0	0	2
Aguard. e outras bebidas alcoólicas	9	6	2	17
Cervejas, chopes e malte	0	0	0	0
Bebidas não alcoólicas	2	0	0	2
Destilação de álcool	0	2	3	5
Curtimento de couro	1	0	1	2
Fabricação de aromatizantes	0	1	0	1
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>52</b>	<b>25</b>	<b>139</b>

<sup>1</sup>As Delegacias Agrícolas são as seguintes: 1 - Cândido Mota; 2 - Ourinhos; 3 - Paraguaçu Paulista.

Fonte: Elaborada a partir do cadastro da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB).

Paulo, praticamente, não possui fronteira agrícola a incorporar, mas tem condições de elevar significativamente sua produção de grãos, via aumento de produtividade e conquista da fronteira interna, constituída por áreas com condições edafoclimáticas adequadas àquelas culturas e hoje ocupadas, principalmente, com pastagens.

Com base em informações sobre o uso do solo em 1984-86 e sobre as condições edafoclimáticas, NOGUEIRA JUNIOR et alii (1989) estimaram as potencialidades de produção de grãos, em nível de Divisão Regional Agrícola (DIRA) e respectivas Delegacias Agrícolas com a finalidade de subsidiar estudos para racionalização e localização de infraestrutura de armazenagem coletora a granel, no Estado de São Paulo. Os autores acima colocaram o teto de 15,0% da área agricultável da Delegacia como limite para ocupação, com culturas de grãos, no médio prazo.

### **8.1 - A Capacidade Estática de Armazenamento em Ambiente Natural**

A distribuição regional das unidades e o baixo índice de armazenagem em nível de propriedade são causas de problemas, por vezes sérios, ao setor de produção e comercialização de grãos. Na estrutura de armazenagem existente, em 1987, havia predominância para a guarda de produtos ensacados, cuja movimentação não se processa de maneira tão eficiente quanto a do produto a granel.

NOGUEIRA JUNIOR et alii (1989) consideraram os principais produtos agrícolas armazenáveis (cereais, oleaginosas, açúcar, café e trigo importado) com uma oferta paulista que totalizou na safra 1985/86 cerca de 12 milhões de toneladas. Assim, pode-se dizer que a capacidade estática de 13 milhões foi quantitativamente satisfatória (Tabela 15).

A predominância de armazéns para guarda de produtos ensacados (69,16%) e cuja qualidade deixava a desejar, decorre da herança do café, quando essa cultura exercia liderança absoluta entre as atividades agrícolas. Parte dos armazéns foi adequada para receber produtos a granel em função principalmente da necessidade de depositar soja, milho e trigo que apresentavam expansão a partir da década de 70.

Quanto à posse e utilização, a iniciativa

privada responde por 64,0% do total da rede paulista de armazenagem, a participação das entidades públicas correspondeu a 28,0% das quais 12,0% pertencentes à CEAGESP, e o sistema cooperativista com os 8,0% restantes. Quanto à distribuição regional, as DIRAS de Ribeirão Preto e Campinas foram responsáveis por 49,30% do total de armazenagem estática e as de Marília e do Vale do Paranapanema representaram 11,0% do total (Tabela 15).

#### **8.1.1 - DIRA de Marília**

A capacidade de armazenamento estático a granel nessa DIRA, da ordem de 98.088 toneladas, estava distribuída: 66,3% em instituições oficiais e 33,7% em mãos particulares; a Delegacia de Tupã era responsável por 78.784 toneladas (Tabela 16).

NOGUEIRA JUNIOR et alii (1989) salientaram que o confronto direto entre a produção de grãos e a capacidade dinâmica de armazenagem a granel seria um indicador razoável para localização de unidades armazenadoras coletoras, toda vez que ocorrer um déficit acima de 100 mil toneladas, caso específico para a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo, cujos municípios de Manduri e Bernardino de Campos foram indicados para implantação de unidades de armazenagem a granel.

#### **8.1.2 - DIRA do Vale do Paranapanema**

A capacidade de armazenamento a granel nessa DIRA, da ordem de 553.484 toneladas, estava com 80,63% nas mãos de particulares e o restante com instituições oficiais. As Delegacias Agrícolas de Cândido Mota e Ourinhos detinham 81,0% do total da capacidade estática. Na DIRA como um todo tinha-se superávit de armazenamento, se bem que na Delegacia de Paraguaçu Paulista ocorria um déficit inferior a 100 mil toneladas.

## **9 - DISCUSSÃO E CONCLUSÕES**

A dotação de recursos naturais das Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília(p) e Vale do



TABELA 15 - Capacidade Estática de Armazenagem a Meio Ambiente Natural, em Sacaria e a Granel, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1987

DIRA	Sacaria		Granel	
	t	%	t	%
Araçatuba	266.274	3,0	87.387	2,3
Presidente Prudente	651.990	7,2	166.903	4,3
Registro	468.632	5,2	281.696	7,0
São José dos Campos	239.746	2,7	92.605	2,3
Sorocaba	907.546	10,1	329.224	8,2
Campinas	2.275.700	25,4	939.019	23,4
Ribeirão Preto	2.098.286	23,4	1.102.961	27,5
Bauru	729.757	8,1	266.391	6,6
São José do Rio Preto	571.031	6,3	87.260	2,2
Marília(g) <sup>1</sup>	772.375	8,6	651.572	16,3
Total	8.981.337	100,0	4.005.018	100,0

  

DIRA	Total	
	t	%
Araçatuba	353.661	2,7
Presidente Prudente	818.893	6,3
Registro	750.328	5,8
São José dos Campos	332.351	2,6
Sorocaba	1.236.770	7,5
Campinas	3.214.719	24,7
Ribeirão Preto	3.201.247	24,6
Bauru	996.148	7,7
São José do Rio Preto	658.291	5,1
Marília(g) <sup>1</sup>	1.423.947	11,0
Total	12.986.355	100,0

<sup>1</sup>Classificação antiga que englobava 51 municípios.

Fonte: NOGUEIRA JUNIOR et alii (1989) a partir de dados básicos da Companhia Brasileira de Armazenamento (CIBRAZEM) e da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP).

TABELA 16 - Produção Potencial, Capacidade Estática e Dinâmica de Armazenagem a Granel, por Delegacia Agrícola (DAs), Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília(p)<sup>1</sup> e Vale do Paranapanema, Estado de São Paulo, 1984-86

DIRA/DA	Produção potencial <sup>2</sup> (A)	(em tonelada)			Capacidade dinâmica (B)	Balanço (B-A)
		Capacidade estática				
		Oficial	Particular	Total		
Marília(p)	324.153	65.000	33.088	98.088	147.132	-177.021
Marília	74.752	5.000	13.200	18.200	27.300	-47.452
Sta Cruz do Rio Pardo	112.057	-	1.104	1.104	1.656	-110.401
Tupã	98.694	6.000	18.784	78.784	118.176	19.484
Garça	38.650	-	-	-	-	-38.650
Vale do Paranapanema	592.494	118.840	446.284	553.484	830.225	237.731
Cândido Mota	314.496	107.200	153.375	260.575	390.862	76.366
Ourinhos	60.360	11.460	179.308	190.768	286.152	225.792
Paraguaçu Paulista	217.638	-	102.141	102.141	153.211	-64.427
Total do Estado	7.238.659	828.020	3.175.988	4.005.018	6.007.527	1.231.132

<sup>1</sup>A DIRA de Marília (p) com 25 municípios representa a denominação posterior à implantação da DIRA do Vale do Paranapanema com 26 municípios.

<sup>2</sup>Representa o somatório da produção atual e produção planejada.

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), apresentados por NOGUEIRA JUNIOR et alii (1989), Instituto Agrônômico de Campinas (IAC) e Companhia Brasileira de Armazenamento (CIBRAZEM).

Paranapanema não parece ser um fator limitante ao maior desenvolvimento de atividades agropecuárias.

A população total das duas regiões vem diminuindo acentuadamente, pois dos 7,42% que representavam o total do Estado em 1940, passou para 2,50% em 1991. Embora de 1940 a 1960 a população regional tenha crescido em termos absolutos, o crescimento da população estadual foi sensivelmente maior.

As duas regiões somavam cerca de 233 mil pessoas economicamente ativas em 1970 variando para 274 mil pessoas em 1980, enquanto o setor primário variou de 120 mil para 100 mil; porém quase dobrando o setor secundário (quase 160 mil em 1980). Em ambas as regiões o setor primário deixou de ser o principal setor de absorção de mão-de-obra.

A geração de emprego rural é outro tópico a fornecer elemento informativo sobre desempenho das regiões analisadas, pois entre 1979 e 1989 o número absoluto de empregos permaneceu relativamente estável no Estado ao passo que nas duas regiões observou-se uma redução no número absoluto, como na participação percentual dos quase 100 mil empregos rurais em 1989.

Ao se considerar a área ocupada por 26 das principais atividades pecuárias, tem-se que as duas regiões aumentaram a participação na área total estadual variando de 8,45% no triênio 1970-72 para 9,38%.

Em 1991/92, a DIRA de Marília(p) se destacava participando na área estadual com 1,12% para algodão, 33,51% para o amendoim da seca,

14,24% para o amendoim das águas, 2,57% da cana para indústria, 6,69% da cana para forragens, 3,40% para feijão das águas, 1,87% para feijão da seca, 6,15% da mandioca para indústria, 4,52% da mandioca para a mesa, 13,39% do maracujá, 24,38% da melancia, 3,28% do milho em grão, 1,48% da soja, 2,62% do trigo, 11,83% para café beneficiado, 9,72% para seringueira, 5,11% para tangerina, 16,10% para murcote, 7,08% para área pastagens; da parte animal 19,80% para sericicultura, 21,22% da produção de bicho da seda, 4,09% dos números de bovinos, 3,72% da produção de leite, 4,70% dos suínos para abate e 22,75% de aves de granja para ovos.

Em 1991/92, a DIRA do Vale do Paranapanema se destacava participando na área estadual com 3,97% para algodão, 7,09% para amendoim das águas, 16,45% do amendoim da seca, 3,56% para arroz, 6,88% de cana para indústria, 3,26% de cana para forragem, 1,65% e 1,22% para feijão das águas e da seca respectivamente, 44,15% de mandioca para indústria, 4,91% de mandioca para mesa, 2,01% de maracujá, 3,92% de melancia, 6,59% de milho em grão e 38,77% do milho safrinha, 28,44% da soja, 7,09% do tomate envarado, 69,79% do trigo, 4,52% do café beneficiado, 2,98% da área de pastagens; na parte animal com destaque para os 2,25% do número de bovinos, 2,98% da produção do leite, 4,33% do número de suínos, 5,19% das aves para granja de ovos, 1,35% da sericicultura e 1,20% do bicho da seda.

A DIRA de Marília(p) apresenta-se como produtora de: grãos (feijão das águas, milho em grão, amendoim das águas e da seca); sorgo vassoura; raízes (mandioca para indústria e para mesa); frutas (abacate, maracujá, melancia, jabuticaba, murcote e poncã); florestas (cerradão e kiri); legumes e hortaliças (abóbora e couve); bebidas estimulantes (café beneficiado); alimentos para animais (cana-de-açúcar para forragem, sorgo forrageiro, alfafa e pastagens natural e cultivada); rebanho animal para carne (bovinos, suínos e bubalinos); eqüinos; muares; leite; ovos; mel e cera; matéria-prima para a indústria da borracha (látex); e matéria-prima para a indústria têxtil (sericicultura).

A DIRA do Vale do Paranapanema apresenta-se como produtora de: grãos diversos (amendoim das águas e da seca, milho em grão, milho safrinha, arroz em casca, soja e trigo); raízes (man-

dioca para indústria e para mesa); florestas (cerradão); frutas (abacaxi e melancia); matéria-prima para açúcar e álcool (cana-de-açúcar para indústria); bebidas estimulantes (café beneficiado); alimentos para animais (alfafa, cana-de-açúcar para forragem, sorgo granífero das águas); rebanho animal para carne (bovinos, suínos e bubalinos); muares; eqüinos; leite; ovos; cera de abelha; e matéria-prima para a indústria têxtil (algodão em caroço).

Comparando-se as agroindústrias existentes e as atividades agropecuárias de cada Delegacia Agrícola, nota-se que, em geral, existe correspondência entre elas; isto tanto para as DIRAs de Marília(p) quanto para a DIRA do Vale do Paranapanema.

Na DIRA de Marília(p) pode-se citar que na Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo, a maior produtora de milho em grão e cana-de-açúcar para indústria, está concentrado o maior número de agroindústrias de fabricação de produtos de milho, de padaria, confeitaria e pastel, além daquelas ligadas à destilação de álcool e fabricação de aguardentes e outras bebidas alcoólicas; as agroindústrias de fabricação de produtos de mandioca localizam-se nas Delegacias de Santa Cruz do Rio Pardo e Garça, que são, respectivamente, a maior Delegacia produtora de mandioca para indústria e a maior produtora de mandioca para mesa; as Delegacias de Santa Cruz do Rio Pardo e Tupã, que mais produzem leite e que possuem o maior número de bovinos, são também as que concentram o maior número de agroindústrias ligadas ao abate de animais, às conservas de carnes e ao curtimento de couro, além de laticínios.

Já na DIRA do Vale do Paranapanema, pode ser observado que na Delegacia de Cândido Mota, que é a maior produtora de mandioca para a indústria e para mesa, está concentrado o maior número de agroindústrias ligadas à fabricação de produtos de mandioca. O maior número de agroindústrias ligadas ao beneficiamento de café estão localizadas na Delegacia de Ourinhos que é a maior produtora de café beneficiado, apesar da Delegacia de Cândido Mota possuir praticamente o mesmo número; as Delegacias de Cândido Mota e Paraguaçu Paulista destacam-se na produção da cana-de-açúcar para indústria, sendo que a Delegacia de Cândido Mota é a que possui o maior número de agroindústrias ligadas à fabricação de aguardentes e outras bebidas alcoólicas.

As informações disponíveis sobre quantidade produzida de cultura permitem dimensionar a quantidade ofertada efetiva de matéria-prima para o setor de processamento agroindustrial. Porém, neste trabalho não foi possível proceder ao levantamento de quantidade em nível da unidade processadora, bem como o fluxo dessas produções entre as Delegacias Agrícolas e/ou DIRAs, que deverão ser objetos de futuras pesquisas.

CARVALHO et alii (1992) tiveram a preocupação de discutir as várias conceituações de agroindústrias, das quais adotou-se considerar que a agroindústria englobaria os setores à jusante da agricultura que processam ou beneficiam matérias-primas agropecuárias e florestais. O agregado agroindústria pode ser dividido em gênero (matérias-primas, alimentos e bebidas) que podem ser subdivididos em diversos subgêneros. O gênero mais importante, tanto na ocupação de mão-de-obra como na geração de valor, é o de alimentos, seguido do de matérias-primas e de bebidas.

Entre 1970 e 1980 o número de emprego na agroindústria cresceu 34,1% e no final desse período a agroindústria representava 8,2% do pessoal ocupado e 16,6% do valor da produção na indústria de transformação do Estado de São Paulo. No mesmo período, apenas os subgêneros de fabricação de óleos vegetais, laticínios, fabricação e refino de açúcar e cerveja não geraram empregos, enquanto que os subgêneros madeira; beneficiamento; moagem e torrefação de café; cereais; conservas, especiarias e condimentos; abate de animais e conservas de carne; massas e biscoitos foram responsáveis por 94,0% dos empregos gerados (FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS, 1989).

A participação, em 1985/86, das DIRAs de Marília(p) e Vale do Paranapanema foi pequena no valor da transformação industrial, por gênero de indústrias químicas, têxtil (abaixo de 2,0%), de produtos alimentares (3,0%) e bebidas (6,0%).

Na produção de açúcar e álcool a DIRA de Marília(g) respondia por 7,10% e 7,70% da safra de 1985/86, respectivamente; com relação às 41 unidades de moagem de oleaginosas, a região apresentava-se em quarto lugar com cinco plantas industriais; das 116 fábricas de conservas de carne, do Estado, a região tinha apenas uma planta, fato que se repetia para os

matadouros de bovinos, suínos e aves com número de plantas próximas à unidade.

A discriminação da agroindústria das duas regiões, mesmo feita com base em duas diferentes fontes de informações (Cadastro Geral dos Contribuintes do Ministério da Fazenda de 1978 e Cadastro das Empresas da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental de 1989), permite alguma quantificação dos números de estabelecimentos, por atividade considerada na agregação dos quatro dígitos.

Assim, de 1978 a 1989, a DIRA de Marília(p) apresentou uma variação de 192 a 227 estabelecimentos, com a agroindústria ligada aos produtos alimentícios se sobressaindo com 196 estabelecimentos em 1989, dos quais 86 estabelecimentos eram de beneficiamento de café, cereais e produtos afins (cod.26.01); com 14 estabelecimentos cada um ficaram as indústrias de torrefação e moagem de café (cod. 26.03), os estabelecimentos ligados à preparação do leite e à fabricação de produtos de laticínios (cod.26.40); com dez ou onze estabelecimentos ficaram as indústrias de refeições, conservas de frutas, legumes e outros vegetais, fabricação de produtos de mandioca, as fábricas de rações balanceadas e de alimentos preparados para animais e fabricação de produtos alimentares não especificados ou não cadastrados.

A indústria de bebidas se expandiu nessa DIRA, contando com 22 unidades em 1989, representando 9,69% do total e com onze estabelecimentos para destilação de álcool, nove de fabricação de aguardente, licores e outras bebidas. Ainda existiam oito indústrias de peles e couro e produtos similares e uma indústria de fabricação de concentrados aromáticos naturais, artificiais e sintéticos.

Em 1989, na DIRA de Marília(p) o destaque foi a Delegacia Agrícola de Santa Cruz do Rio Pardo com 79 estabelecimentos agroindustriais, seguida pelas Delegacias de Marília com 63, Tupã com 52 e Garça com quatro.

No período de 1978 a 1989, a DIRA do Vale do Paranapanema apresentou uma variação de 212 a 139 estabelecimentos agroindustriais, com os estabelecimentos dos produtos alimentares (cod.26) decrescendo de 199 para 112 e o grupo das indústrias de bebidas se expandindo de dez para 24, sendo que a fabricação de aguardente, licores e outras bebidas (cod.

27.20) apresentou dezessete estabelecimentos e a destilação de álcool (cod. 27.50), cinco unidades.

Em 1989, no Vale do Paranapanema, o maior número de estabelecimentos da indústria de alimentos verificou-se para a fabricação de produtos de mandioca com 23,02% e para indústria de beneficiamento de café, cereais e produtos afins (cod. 26.01) com 19,42%. Seguem-se, pela ordem de número, preparação do leite e fabricação de produtos de laticínios; fabricação de balas, caramelos, pastilhas (cod.26.60); refeições conservadas, conservas de frutas, legumes e outros vegetais (cod.26.10); torrefação de café; fabricação de produtos de milho; abate de animais; fabricação de açúcar.

As 139 agroindústrias, em 1989, da DIRA do Vale do Paranapanema estavam distribuídas entre as Delegacias da seguinte forma: 62 em Cândido Mota, 52 em Ourinhos e 25 em Paraguaçu Paulista.

Passando a algumas considerações sobre as possibilidades de expansão da produção de grãos no Estado de São Paulo foi possível verificar que a DIRA de Marília(g) detinha 11,0% do total de capacidade estática de armazenamento a ambiente natural no Estado de São Paulo, sendo 8,6% para sacaria e 16,3% a granel.

A capacidade de armazenamento estático a granel na DIRA de Marília(p), da ordem de 98.088 toneladas, estava distribuída com 66,3% em instituições oficiais e 33,7% em mãos de particulares, sendo que a Delegacia de Tupã seria responsável por 78.784 toneladas. NOGUEIRA JUNIOR et alii (1989) indicavam a Delegacia de Santa Cruz do Rio Pardo, municípios de Mandurí e Bernadino de Campo, para implantação de unidades de armazenagem a granel; observaram ainda que a DIRA do Vale do Paranapanema não apresentava déficit de armazenamento a granel.

A preocupação com a industrialização do interior, em uma perspectiva mais ampla, e com a agroindustrialização, consta dos recentes debates promovidos no âmbito do Fórum Paulista de Desenvolvimento. Assim, as empresas que ampliarem investimentos no interior terão financiamento do Banco do Estado de São Paulo S.A. (BANESPA) equivalente a 50% do seu Imposto de Circulação de

Mercadorias e Serviços (ICMS) no primeiro ano, 40% no segundo ano e 30% no terceiro ano.

Outros programas mais gerais, estabelecidos naquele Fórum, foram, entre outros:

- Programa de complementação do FINAME, com financiamento de 35% a 80% para comercialização de máquinas e equipamentos;

- Programa de apoio à modernização da indústria, com dotação inicial de 21 bilhões de cruzeiros nos próximos doze meses para financiamentos até oito anos; e

- Pro-invest, com recursos de 140 milhões de dólares para modernizar, realocar e implantar indústrias nos próximos três anos.

Para implementar uma política de agroindustrialização são necessários programas específicos. Ressalta-se, aqui, a experiência adquirida pelo Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo (BA-DESP), não mais atuante, cujos programas atendiam, entre outros, aos seguintes objetivos específicos:

- a) estimular a instalação, a modernização, a ampliação e a realocação de empresas agroindustriais, localizadas próximas a zonas produtoras de matérias-primas, com tecnologia não sofisticada e compatível com o nível da empresa e que atendam, preferencialmente, os mercados regionais;

- b) apoiar a pesquisa de novos produtos e processos, dentro de uma tecnologia apropriada;

- c) suprir as necessidades de capital de giro das empresas agroindustriais;

- d) promover a industrialização do interior, criando empregos na agricultura e agroindústria e fixando as populações nos seus locais de origem; e

- e) criar fontes de renda não agrícola no interior, de modo a elevar o valor adicionado na região, relativamente ao preço final do produto.

Dessa listagem de objetivos específicos, pode-se depreender que o conhecimento dos meios de se promover a interiorização do parque agroindustrial paulista existe e já foi utilizado em momentos anteriores do desenvolvimento paulista. Portanto, a reativação desse processo passa a depender de decisão eminentemente política, o que parece estar ocorrendo, com aquelas medidas do Fórum Paulista de Desenvolvimento já mencionadas e com outras em estudo.

## NOTAS

<sup>1</sup>Trabalho referente ao projeto SPTC 16-006/93. Os autores agradecem a colaboração de Maria Alice Manzo e Julio Cesar Lopes na tabulação de dados e operação de microcomputadores. Recebido em 11/04/93. Liberado para publicação em 17/01/94.

<sup>2</sup>Engenheiro Agrônomo, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>3</sup>Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>4</sup>Matemático, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>5</sup>Esta parte do trabalho tem como base CARVALHO et alii (1992). O termo agroindústria passou a ser utilizado a partir do momento em que a divisão da economia em três setores - Agricultura, Indústria e Serviços - não foi mais suficiente para o entendimento das relações dinâmicas entre os setores.

<sup>6</sup>Os conceitos de modernização e industrialização da agricultura são discutidos por KAGEYAMA et alii (1987) e MULLER (1982).

<sup>7</sup>LEITE (1990), em texto de revisão sobre as diversas linhas de pesquisas que tratam da conceituação e definição dos encadeamentos produtivos na agricultura, privilegia estas duas correntes adotadas neste capítulo.

<sup>8</sup>Homogeneidade da base técnica deve ser entendida como a modernização das relações sociais e das técnicas de produção dentro do complexo.

<sup>9</sup>O conceito de integração de capitais citado por KAGEYAMA et alii (1987) é o utilizado por DELGADO (1985), como "...o processo de centralização de capitais industriais, bancários, agrários, etc., que por sua vez fundir-se-iam em sociedades anônimas, condomínios, cooperativas rurais e, ainda, empresas de responsabilidade limitada, integradas verticalmente (agroindústrias ou agrocomerciais)".

<sup>10</sup>Pretende-se, neste capítulo, apresentar uma breve revisão dos antecedentes históricos da ocupação territorial, mencionando as características geológicas e as vias de penetração e de interligação com outras regiões, baseando-se em SÃO PAULO (1973).

<sup>11</sup>Pretende-se apresentar e discutir algumas informações relacionadas à população total, à população economicamente ativa e ao emprego rural no Estado de São Paulo e nas duas regiões em análise. Para algumas das análises os dados disponíveis estão agregados apenas para a região de Marília(g) englobando a região de Marília (p) e região do Vale do Paranapanema. Outros dados estão agregados por região administrativa e não por região agrícola, o que não compromete as análises que se derivam dessas informações, segundo NEGRI NETO et alii (1993).

<sup>12</sup>Os dados básicos utilizados neste trabalho, com relação à produção agrícola, são provenientes dos levantamentos das previsões e estimativas de safras (Levantamento Objetivo) realizados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) e pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), órgãos da Secretaria do Estado dos Negócios da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Com base nesses dados, GONÇALVES et alii (1990) avaliaram as alterações no perfil da agricultura das dez regiões agrícolas do Estado de São Paulo, calculando a participação trienal da área regional na área estadual de cada atividade e a participação de cada atividade na área total das DIRAs e na área total agrícola do Estado de São Paulo, cujos resultados serão ressaltados neste trabalho.

<sup>13</sup>Os dados são provenientes dos Levantamentos Subjetivos do IEA conjuntamente com a CATI e referem-se ao ano agrícola 1991/92. Estão disponíveis no Anexo 1, as participações percentuais dos produtos agrícolas das Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília (p) e Vale do Paranapanema na área total do Estado de São Paulo.

<sup>14</sup>Pretende-se analisar a distribuição dos diversos tipos de agroindústrias, em nível de Delegacia, nas duas DIRAs em consideração.

## LITERATURA CITADA

- ALMEIDA, Leila T. de F. Agroindústria em São Paulo. **Agroanalysis**, RJ, 12(11):7-20, nov. 1988.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, Fundação SEADE, 1989. 65-6p.
- CAMARGO FILHO, Waldemar P. et alii. **Estatística da produção agrícola no Estado de São Paulo**. São Paulo, IEA, 1990. v.1 (Séries Informações Estatísticas da Agricultura).
- CANO, Wilson coord. **A interiorização do desenvolvimento do Estado de São Paulo, 1920-1980**. São Paulo, SEADE, 1989. v.3 (Coleção Economia Paulista, v.1, n.1-3).
- CARVALHO, Flavio C. de et alii. Avaliação do potencial agroindustrial das Divisões Regionais Agrícolas de Araçatuba e Presidente Prudente, Estado de São Paulo. **Agricultura em São Paulo**, SP, 39(Supl. 1):51-102, 1992.
- CONTADOR, Claudio R. ed. **Tecnologia e desenvolvimento agrícola**. Rio de Janeiro, IPEA/ INPES, 1975. 308p. (Monográfica 17).
- DAVIS, John H. & GOLDBERG, Ray A. **A concept of agribusiness**. Boston, Harvard University, 1957. 136p.
- DELGADO, Guilherme C. **Capital financeiro e agricultura no Brasil**. São Paulo, Icone/ UNICAMP, 1985. 240p
- FARINA, Elizabeth M. M. Q. **O sistema agroindustrial de alimentos**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ECONOMIA, 16, Belo Horizonte, 1988. **Anais...** Rio de Janeiro, ANPEC, 1988. v.3, p.292-315.
- \_\_\_\_\_. **O sistema agroindustrial de alimentos no Brasil**: relatório final. s.l.p., s.ed., 1992. v.1, 94p.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Classificação de atividades e produtos, matérias-primas e serviços industriais - indústrias extrativa mineral e de transformação**. Rio de Janeiro, FIBGE, 1988. v.1, 341p. (Textos para Discussão, 6).
- FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Agroindústria paulista**. São Paulo, SEADE, 1989. 59p. (Coleção Economia Paulista, 3).
- \_\_\_\_\_. **O novo retrato de São Paulo**: avaliação dos primeiros resultados do censo demográfico de 1991. São Paulo, SEADE, 1992. 151p.
- GONÇALVES, José S. et alii. Mudanças na composição da área cultivada no Estado de São Paulo e suas regiões agrícolas, 1970/72 a 1987/89. **Informações Econômicas**, SP, 20(12):69-92, dez. 1990.
- HAGUENAUER, Lia et alii. **Complexos industriais na economia brasileira**. Rio de Janeiro, UFRJ/IEI, 1988. (Texto para Discussão, 62).
- KAGEYAMA, Angela et alii. **O novo padrão agrícola brasileiro**: do complexo rural aos complexos agroindustriais. Campinas, IE/ UNICAMP, 1987. 121p.
- LAUSCHNER, Roque. **A agroindústria como fator de fortalecimento do setor agrícola**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 18. **Anais...** Brasília, SOBER, 1980. v.18, n. especial.
- LEITE, Sergio. Agricultura, relações intersetoriais e encadeamentos produtivos. In: \_\_\_\_\_ 28, Florianópolis, SC, 22-27/07/91. **Anais...** Brasília, SOBER, 1990. v.1, p. 61-84.
- LIFSCHITZ, Javier & PROCHNIK, Victor. **Observações sobre o conceito de complexo agroindustrial**. Rio de Janeiro, UFRJ/IEI, 1990. 25p.

- MALASSIS, L. **Économie agroalimentaire**. Paris, Cujas, 1979.
- MULLER, Geraldo O. La agricultura y el complejo agroindustrial en el Brasil: cuestiones teóricas y metodológicas. **El Trimestre Económico**, México, **49**(196), 1982.
- \_\_\_\_\_. **Complexo agroindustrial brasileiro**. São Paulo, FGV/EAE, 1981. 114p. (Relatório de Pesquisa, 13).
- NEGRI NETO, Afonso; COELHO, Paulo J.; MOREIRA, Irene R. de O. Divisão Regional Agrícola e Região Administrativa do Estado de São Paulo: histórico, semelhança, diferença. **Informações Econômicas**, SP, **23**(6):19-44, jun. 1993.
- NOGUEIRA JUNIOR, Sebastião et alii. Produção potencial de grãos e armazenagem a granel no Estado de São Paulo. **Agricultura em São Paulo**, SP, **36**(2):1-16, 1989.
- RAMALHO, Yolanda M.M. coord. **Mudanças estruturais nas atividades agrárias: uma análise das relações intersetoriais no complexo agroindustrial brasileiro**. Rio de Janeiro, BNDES/DEEST, 1988. 126p. (Estudos BNDES, 9).
- SÃO PAULO. Secretaria de Economia e Planejamento. **Diagnóstico: região administrativa, 09 - Marília**. São Paulo, SEPLAN, 1973. p.irreg.
- SORJ, Bernardo. **Estado e classes sociais na agricultura brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. 152p.



**PRODUÇÃO AGRÍCOLA E AGROINDÚSTRIA NAS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS DE  
MARÍLIA E VALE DO PARANAPANEMA, ESTADO DE SÃO PAULO**

**Anexo 1**

TABELA A.1.1 - Participação Percentual dos Produtos Agrícolas das Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília (p) e Vale do Paranapanema na Área Total no Estado de São Paulo, 1991/92

(continua)

Produto	Marília		Vale do Paranapanema	
	%	Delegacias importantes <sup>1</sup>	%	Delegacias importantes <sup>1</sup>
<b>Culturas anuais e semiperenes</b>				
Alfafa	26,29	1104	16,26	1202
Algodão em caroço	1,12	1104	3,97	1201
Amendoim da seca	33,51	1103	16,45	1203
Amendoim das águas	14,24	1103	7,09	1203
Arroz em casca irrigado	0,15	1104	3,77	1201
Arroz em casca seq. e varz.	2,99	1103	3,56	1201
Batata da seca	0,19	1104		
Batata das águas	0,30	1104		
Batata de inverno	0,18	1104		
Cana para forragem	6,69	1103	3,26	1203
Cana para indústria	2,57	1104	6,88	1201 e 1203
Feijão da seca	1,87	1103	1,22	1203
Feijão das águas	3,40	1104	1,65	1202
Feijão de inverno irrigado	0,35	1104	1,00	1201
Feijão de inverno sem irrigação	1,54	1102 e 1103	1,56	1201
Mamona	0,24	1102	0,20	1201
Mandioca para indústria	6,15	1104	44,15	1201
Mandioca para mesa	4,52	1103	4,91	1201
Maracujá	13,39	1102	2,01	1203
Melancia	24,38	1102 e 1104	3,92	1203
Melão	1,79	1102		
Milho em grão	3,28	1104	6,59	1201
Milho em grão (safrinha)	0,40	1104	38,77	1201
Milho para pipoca	0,03	1102		
Milho para silagem	2,13	1103	2,56	1201
Soja	1,48	1104	28,84	1201
Sorgo forrageiro	3,67	1103		
Sorgo granífero das águas			7,09	1202
Sorgo vassoura	10,92	1102	0,53	1201
Tomate envarado	0,74	1104	0,95	1201

<sup>1</sup>Os códigos utilizados referem-se às seguintes Delegacias: 1101 - Garça; 1102 - Marília; 1103 - Tupã; 1104 - Santa Cruz do Rio Pardo; 1201 - Cândido Mota; 1202 - Ourinhos; 1203 - Paraguaçu Paulista.

Fonte: Informações geradas a partir do Levantamento de Previsão de Safras Subjetivo do Instituto de Economia Agrícola (IEA) e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), ano agrícola 1991/92.

TABELA A.1.1 - Participação Percentual dos Produtos Agrícolas das Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília (p) e Vale do Paranapanema na Área Total no Estado de São Paulo, 1991/92

(continua)

Produto	Marília		Vale do Paranapanema	
	%	Delegacias importantes <sup>1</sup>	%	Delegacias importantes <sup>1</sup>
Culturas anuais e semiperenes				
Tomate Rasteiro	1,02	1102 e 1103		
Trigo	2,62	1104	69,79	1201
Culturas florestais				
Cerradão	4,34	1104	3,15	1202
Cerrado	2,51	1104	2,73	1201
Eucalipto	1,25	1104	0,70	1201
Kiri	32,51	1103	0,77	1202
Mata natural	1,51	1101	0,47	1201 e 1202
Pinus	0,98	1104	1,19	1201
Culturas perenes				
Abacate	3,88	1103	0,16	1201
Abacaxi	0,05	1103	8,28	1203
Ameixa	0,28	1101		
Anona	0,58	1102		
Banana	0,05	1101	0,04	1201
Cacau	0,19	1101		
Café Beneficiado	11,83	1101	4,52	1202
Caqui	0,27	1101		
Figo para mesa	0,15	1102		
Goiaba para mesa	0,74	1101	0,26	1201
Jabuticaba	15,04	1101	1,14	1201
Laranja	0,08	1102 e 1103	0,02	1202
Limão	0,65	1101	0,26	1202
Mamão	0,77	1104	0,05	1201
Manga	1,90	1103	0,08	1203
Mexerica	1,90	1104	0,77	1202
Murcote	16,10	1102	0,15	1202
Nogueira			0,79	1201
Pêssego para mesa	0,19	1101		
Poncã	9,72	1102	0,89	1202
Seringueira	5,11	1101	0,58	1203
Tangerina	0,36	1102	0,98	1202
Uva comum para mesa	0,00	1101	0,00	1202
Uva fina para mesa	0,04	1103	0,10	1202
Uva para indústria	0,03	1103		

<sup>1</sup>Os códigos utilizados referem-se às seguintes Delegacias: 1101 - Garça; 1102 - Marília; 1103 - Tupã; 1104 - Santa Cruz do Rio Pardo; 1201 - Cândido Mota; 1202 - Ourinhos; 1203 - Paraguaçu Paulista.

Fonte: Informações geradas a partir do Levantamento de Previsão de Safras Subjetivo do Instituto de Economia Agrícola (IEA) e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), ano agrícola 1991/92.

TABELA A.1.1 - Participação Percentual dos Produtos Agrícolas das Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília (p) e Vale do Paranapanema na Área Total no Estado de São Paulo, 1991/1992

(continua)

Produto	Marília		Vale do Paranapanema	
	%	Delegacias importantes <sup>1</sup>	%	Delegacias importantes <sup>1</sup>
<b>Pecuária</b>				
Pasto cultivado	7,08	1103 e 1104	2,98	1203
Pasto natural	3,50	1101 e 1104	2,18	1202
Capim para semente	0,54	1104	0,23	1203
Bovinos p/ corte <sup>2</sup>	8,77	1103 e 1104	3,85	1203
Bovinos p/ leite <sup>2</sup>	4,09	1103 e 1104	2,25	1203
Bovinos misto <sup>2</sup>	4,07	1103 e 1104	3,30	1203
Bovinos para abate <sup>2</sup>	4,88	1103 e 1104	4,14	1202 e 1203
Leite <sup>3</sup>	9,69	1103 e 1104	3,46	1201
Suínos <sup>2</sup>	4,26	1104	4,33	1202
Suínos para abate <sup>2</sup>	4,70	1104	7,19	1202
Aves de granja p/ corte <sup>2</sup>	0,12	1104	0,79	1202
Aves de granja p/ ovos <sup>2</sup>	22,75	1103	5,19	1201
Produção anual de ovos <sup>4</sup>	19,22	1103	5,59	1201
Aves de granja p/ abate <sup>2</sup>	1,16	1103	0,41	1201
Perus para abate <sup>2</sup>			0,03	1202
Granjas produtoras de pintos	8,33	1103	2,08	1202
Produção anual de pintos p/ corte	0,53	1103	0,00	1202
Sirgarias	20,05	1101	1,60	1203
Gramas de ovos produzidos nas sirgarias	19,80	1103	1,35	1203
Área plantada de amoreira	21,22	1103	1,20	1203
Produção anual de casulos <sup>5</sup>	23,74	1103	1,59	1203
Eqüinos <sup>2</sup>	5,87	1101	3,35	1201
Muares <sup>2</sup>	6,32	1104	5,48	1201
Bubalinos <sup>2</sup>	7,66	1103	3,00	1202 e 1203
Apicultores	5,13	1101	1,79	1203
Colméias	6,98	1103	2,12	1201
Mel de abelha <sup>6</sup>	13,09	1103	1,72	1201
Cera de abelha <sup>6</sup>	13,93	1103	3,65	1203

<sup>1</sup>Os códigos utilizados referem-se às seguintes Delegacias: 1101 - Garça; 1102 - Marília; 1103 - Tupã; 1104 - Santa Cruz do Rio Pardo; 1201 - Cândido Mota; 1202 - Ourinhos; 1203 - Paraguaçu Paulista.

<sup>2</sup>A unidade é número de cabeças.

<sup>3</sup>A unidade é litros/ano.

<sup>4</sup>A unidade é mil dúzias/ano.

<sup>5</sup>A unidade é kg.

<sup>6</sup>A unidade é kg/ano.

Fonte: Informações geradas a partir do Levantamento de Previsão de Safras Subjetivo do Instituto de Economia Agrícola (IEA) e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), ano agrícola 1991/92.

TABELA A.1.1 - Participação Percentual dos Produtos Agrícolas das Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília (p) e Vale do Paranapanema na Área Total no Estado de São Paulo, 1991/92

Produto	Marília		Vale do Paranapanema	
	%	Delegacias importantes <sup>1</sup>	%	Delegacias importantes <sup>1</sup>
Olericultura				
Abóbora	19,86	1104	0,89	1203
Abobrinha	0,40	1101		
Alface	0,35	1102		
Alho	1,25	1101		
Batata-doce	3,74	1102		
Berinjela	0,24	1102		
Beterraba	0,05	1103		
Cebolinha				
Cenoura	0,04	1102		
Chuchu	0,46	1102		
Couve	16,44	1103		
Escarola	0,55	1101		
Milho verde			0,65	1202
Moranga	2,56	1103		
Pepino	0,66	1101		
Pimentão	1,24	1104		
Repolho	0,05	1101		
Vagem	0,22	1101		

<sup>1</sup>Os códigos utilizados referem-se às seguintes Delegacias: 1101 - Garça; 1102 - Marília; 1103 - Tupã; 1104 - Santa Cruz do Rio Pardo; 1201 - Cândido Mota; 1202 - Ourinhos; 1203 - Paraguaçu Paulista.

Fonte: Informações geradas a partir do Levantamento de Previsão de Safras Subjetivo do Instituto de Economia Agrícola (IEA) e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), ano agrícola 1991/92.